

Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

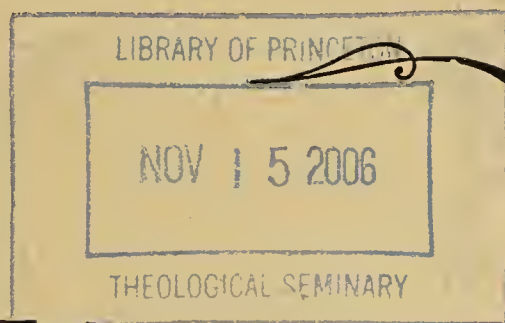


# Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL



## SUMÁRIO

Sôbre a Fotografia Espírita . . . .	<i>Redação</i>
Os Fenômenos de Bilocação . . . .	<i>Prof. Ernesto Bozzano</i>
Comunicações dos Espíritos no Velho Testamento . . . . .	<i>Prof. Aduino O. Serra</i>
Questões de Psiquiatria Social . . . .	<i>T. Novelino</i>
Allan Kardec, o Inconfundível ! . . . .	<i>J. B. Chagas</i>
Alguns factos espíritas históricos to- mados ao acaso, ocorridos em di- ferentes lugares e épocas . . . .	<i>Carlos L. Chiesa</i>
Impressões e Factos . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Trinta anos entre os mortos . . . .	<i>Francisco Klörs Werneck</i>
Psicologia Extrahumana . . . . .	<i>J. Lima</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>









# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✎ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301      Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

## Sôbre a Fotografia Espírita



Espiritismo não é uma doutrina mística a impôr a fé cega, o «crê ou morre», baseada em dogmas e suposições científicas ou filosóficas, mas sim, uma doutrina clara, posi-

tiva, estribada no método experimental e na observação rigorosa dos factos, satisfazendo assim a razão e as exigências da lógica e do bom senso, bem como o louvável intuito daqueles que se esforçam por enriquecer cada vez mais o seu patrimônio intelectual com novos e substanciais conhecimentos.

A sua tarefa não se resume em fazer prosélitos, mas ensinar tudo o que se refere à vida do homem, à alma, enfim, tudo aquilo que não está na órbita dos conhecimentos terrenos, que escapa aos sentidos do homem e que, no entanto, constitue o ponto principal do progresso do homem rumo à eternidade, à perfeição, — referimo-nos aos conhecimentos relativos à vida do espírito.

E' assim que todos os factos supranormais, tidos como miraculosos, encontram, no Espiritismo, a mais cabal explicação, mesmo que esta seja feita em síntese, tal a clareza e a lógica de seus ensinamentos e argumentos, que não deixam pairar a menor dúvida naqueles que buscam conhecer

a verdade, sejam cépticos, descrentes, ateístas ou materialistas. Precisamos frisar que foram justamente os factos e fenômenos espíritas, estudados, catalogados, comentados e documentados por Allan Kardec, com o auxílio decidido dos Espíritos Superiores, encarregados da espiritualização dos povos, que deram motivo a que Kardec escolhesse um título capaz de resumir uma vasta área de trabalho, estudos, pesquisas e factos, surgindo então o Espiritismo, título que se enquadra perfeitamente neste outro título sugerido por Ernesto Bozzano — «Ciência da Alma».

Todos os factos e fenômenos supranormais, de uma simples pancada até as materializações completas de espíritos, de uma simples coincidência até os êxtases, avisos, mensagens, etc., merecem a nossa atenção, porque são o toque do despertar da alma, da consciência para as cousas espirituais, de cujo conhecimento depende a solução de muitos intricados problemas da nossa vida, tanto no sentido material como sobretudo no intelectual e moral. Porisso nos causam pena aqueles que recebem os testemunhos de além-túmulo com indiferença, espírito de negativismo ou chacota.

E' oportuno afirmar que a doutrina espírita está plenamente sancio-



nada por homens de comprovada idoneidade, cujos testemunhos obtidos em longas e árduas experiências e observações dos factos e fenómenos espíritos, não podem ser postos em dúvida pelos rotineiros, que se julgando sábios ou com direito a criticar sem conhecimento de causa, procuram impedir a marcha ascensional da verdade.

Com uma cajadada não nos é possível deitar por terra o espírito de negativismo, mas, com perseverança e paciência, e sobretudo com o auxílio dos Espíritos, auxílio que é tudo, porque são eles que reproduzem os fenómenos, os factos, que constituem os alicerces da doutrina espírita, esperamos colher mais frutos além dos que, em abundância, temos colhido com a conversão de gregos e troianos.

Hoje, sobre os fenómenos supernormais, falaremos, em síntese, na fotografia espírita, que é, indubitavelmente, uma das melhores provas da existência dos Espíritos, da sobrevivência individual, isto é, que continuamos a viver após o transe denominado *morte*.

Estudando o assunto, o Dr. Gabriel Delanné, em «O Fenômeno Espírita», que se pode considerar uma das obras primas da doutrina, cita o seguinte parecer do sr. Alfred Wallace, que indica como devem proceder os espíritos, não só para não serem enganados, mas também para adquirirem a certeza da realidade do fenómeno:

«1.º — Se uma pessoa conhecedora da fotografia tomar suas próprias chapas de vidro, examinar a câmara empregada e todos os seus acessórios, vigiar todo o processo para obter a prova e encontrar na prova negativa uma forma bem definida junto da figura da pessoa que tomou posição: ha aí uma prova da existência de um objeto, suscetível de reflectir-se ou de emitir raios actínicos, apesar de invisível às pessoas presentes;

2.º — Se mostrar semelhança incontestável com uma pessoa falecida, totalmente desconhecida do fotógrafo;

3.º — Se aparecerem, sobre a prova negativa, imagens em relações

definidas com a figura daquele que vem retratar-se e escolhe a sua própria posição, sua atitude, seus acessórios: tem-se aí uma prova de que formas invisíveis se achavam realmente no campo da objectiva;

4.º — Se aparecer uma forma vestida de branco atrás do corpo opaco de quem se retrata, sem se estender sobre elle: há uma prova de que a figura de branco aí se achava ao mesmo tempo, porque as partes sombrias da prova negativa são transparentes, e toda imagem branca, de qualquer modo que seja, devia aparecer através;

5.º — Quando não se possa recorrer a algumas dessas demonstrações, se um médium, inteiramente distinto independente do fotógrafo, ver e descrever uma forma durante a operação, e quando sobre a placa aparece uma imagem semelhante à descrita: há uma prova de que essa forma aí se achava e no campo da objectiva».

Entre as pessoas de renome que tem se occupado com a fotografia espírita, em constantes experiências, podemos citar o sr. Alfred Wallace, o Dr. Thomson, de Clifton, o sr. A. Aksakof.

«O Dr. Thomson, obteve uma fotografia em que, ao lado da sua imagem, se achava a de uma pessoa desconhecida. Enviou essa fotografia para a Escócia, ao seu tio, perguntando-lhe simplesmente se elle notava semelhança nessa dama com alguma pessoa da família, já falecida. A resposta foi que essa imagem era a da própria mãe do Dr. Thomson, assemelhando-se muito ás feições que ella tinha quando este nascera; como a falecida não havia deixado retrato, o doutor não podia ter a idéa dessa parecença. O tio naturalmente observou que não podia compreender como o facto se tinha dado. (*Spiritual Magazine*, outubro de 1873)».

«O sr. Wallace conta que a Sra. Guppy, o médium, viu, de cada uma das vezes, uma aparição trazendo flôres, o que é confirmado pelo aparecimento dessas flôres na fotografia.

O sr. Aksakof realizou, em Londres, durante o ano de 1886, inúmeras experiências com o médium Eglin-



gton. Nas primeiras quatro experiências nada de positivo foi constatado. Na quinta, quasi no fim, appareceu na quarta chapa um desenho, que se foi definindo cada vez mais : era uma figura de mão com um véu, o que provocou uma satisfação geral, em que tomou parte o diretor invisível, dando fortes pancadas no soalho, assim afirma Aksakof.

Essas, como outras experiências psíquicas, exigem muita perseverança, boa vontade e aptidão, o que não faltou ao sr. Aksakof e seus companheiros, inclusive o médium. O trabalho é difficilimo tanto para os encarnados como para os desencarnados, que se enchem de satisfação ao verem coroados de êxito os seus esforços.

O sr. Aksakof obteve fotografias espíritas em plena obscuridade e em plena luz do dia, com o maior successo.

A fotografia espírita é, como já afirmamos, uma das provas irrecusáveis da sobrevivência individual, porque nos mostra as feições e os traços inconfundíveis dos nossos desencarnados queridos, amigos e conhecidos.

Esta Revista já tem publicado algumas fotografias de espíritos que appareceram na chapa junto ao fotografado, o que tem causado estupefação aos fotógrafos ao revelarem as chapas, isto além das fotografias obtidas em experiências, que são muitas.

Como se vê, as provas da Imortalidade são abundantes e ao Espiritismo coube a tarefa de explicar todos os fenômenos e factos psíquicos, para que os homens fiquem cientes de que a vida prossegue além do túmulo e que a sua felicidade, aí, está condicionada às suas boas ou más obras no plano terráqueo.

## Os Fenômenos de Bilocação

Prof. ERNESTO BOZZANO

### 1.ª CATEGORIA

*Das «sensações de integridade» nos amputados e das impressões de «desdobramento» nos hemiplégicos.*

A significação do fenómeno denominado de «sensação de integridade» nos amputados, exprime-se claramente pelas próprias palavras. Com effeito, consiste no facto curioso, ha muito tempo bem conhecido pelos fisiologistas, que certo número de amputado dum braço ou uma perna, afirmam, grandemente surpreendidos, experimentarem a sensação precisa de ainda possuirem o membro que lhes falta, e mesmo ajuntam que ainda podem movê-lo á vontade. O que espanta os mutilados tanto quanto os que os escutam, é o facto de estarem êles no estado de provar experimentalmente que têm consciência do contacto de um corpo estranho introduzido, sem o saberem, na porção do espaço em que se deveria mover

o membro cortado. E não só isso, mas afirmam que se alguém introduzir uma pequena chama nesse ponto, êles sentem a dôr aguda de queimadura. Enfim, quasi todos os mutilados em questão estão de accordo para assegurar que, á medida que os dias passam, êles assistem ao encolhimento lento e gradual de seus membros flúidicos até o dia em que são completamente reabsorvidos e integrados no corpo.

Ha a notar também que certos inválidos em consequência de ataque hemiplégico por sua vez asseguram experimentarem sensações análogas, ainda que em relação com a natureza diferente de sua enfermidade que é a paralisia duma metade do corpo. Ver-se-á mais longe quão racionais são suas impressões de «desdobramento» incipiente, do ponto de vista que nos ocupa.

Os curiosos fenômenos em apreço jamais foram causa de perplexidade teórica para os fisiologistas, pois



são suscetíveis de serem interpretados de modo plausível com induções legítimas de ordem psico-fisiológica. E já se compreende que se não existissem as atuais investigações metapsíquicas sobre fenômenos de exteriorização da sensibilidade indo até concretizar um «fantasma ódico» desdobrado, ninguém teria pensado por um só momento, por em dúvida às conclusões dos fisiologistas sobre as causas que determinam as sensações subjetivas que experimentam os amputados e hemiplégicos. Mas incontestavelmente a questão muda de aspecto com o advento de novas investigações, em virtude das quais é se levado a considerar de outro ponto de vista, as impressões de que se trata, as quais se confirmam análogas as que são estudadas no grupo dos fenômenos de «bilocação» e logicamente forçam a renunciar às hipóteses dos fisiologistas, que reconhecem nas «sensações de integridade» dos amputados e nas de «desdobramentos» dos hemiplégicos, casos iniciais ou começantes de manifestações pertencentes ao grupo dos fenômenos de «bilocação», manifestações que por sua mesma natureza rudimentar concorrem admiravelmente a provar, dum ponto de vista inesperado e sugestivo, a realidade da existência de um «corpo etérico» no «corpo somático».

A doutora Pelletier, resumindo os resultados aos quais chegaram Bernstein, Pitres, Weir Mitchel, em suas enquetes sobre as «sensações de integridade nos amputados», assim se exprime:

«As ilusões dos amputados são um facto normal; com efeito, para Riset que levou suas investigações sobre soldados do primeiro Império, de quatrocentos e cinquenta amputados, sómente quatorze não apresentaram o fenómeno do membro fantasma; para Pitres, a ilusão sómente faltava uma vez em trinta casos... O mais das vezes, a ilusão sobrevinha imediatamente após a operação; todavia, algumas vezes vinha mais tarde, mas sempre em tempo bastante próximo; num caso mencionado por Pitres, ela apareceu no ter-

ceiro dia, e num outro, depois de seis semanas.

Mas em que consiste precisamente esse membro fantasma? — Algumas vezes o membro é sentido totalmente; o enfermo o percebe com a forma, o volume, a temperatura, a posição, a mobilidade que efetivamente possuía; mas bem frequentemente a percepção era muito menos nítida. Em certos casos sómente sentiam as extremidades digitais, o resto do membro era suave (frou). Por vezes também a percepção era nítida, sómente o membro era sentido como menor ou maior ao que havia sido. Um paciente de Pitres, amputado de uma mão, afirmava que sua mão fantasma era menor, como a de uma criança de doze anos; outro sentia a mão contraída, mais redonda do que a outra. Em outro caso do mesmo autor, a mão fantasma era sentida pelo contrário, como sendo mais grossa do que a outra. Mas sobre que todos os enfermos eram unânimes, era a realidade das sensações que experimentavam: «Eu só digo a verdade—diz um paciente do Dr. Weir Mitchel—afirmando que estou mais certo do membro que perdi do que daquele que conservei»—«E' preciso que eu aplique o raciocínio—dizia outro para me convencer da irreabilidade da sensação que experimento».

A observação publicada, há sete anos, por Maria e Vigouroux, nos descreverá a intensidade dessas sensações, de maneira surpreendente. Trata-se da enferma... à qual foi preciso praticar a amputação de uma coxa. Ela sentia se fatigada, contundida, mas nenhuma consciência tinha da mudança que lhe sobreviera. Foi sómente no dia seguinte que, comparecendo sua mãe, informou que em sua queda, fraturara a perna e que necessário foi cortar-lhe a coxa. Ela se lembra que o anúncio dessa triste notícia foi para ela mais surpresa do que emoção, porque perfeita era a ilusão de estar perfeita a sua perna. Quando, alguns dias depois, a levantaram para conduzi-la a Saint-Anne, ela não tinha consciência da mutilação e rolou por terra, querendo levantar-se sozinha de seu leito. Dezoito meses depois, ainda lhe ocorriam momentos de distração, caía querendo andar sem aparelho.



Certos doentes podem mover, em imaginação, seu membro fantasma, outros, ao contrário, não o conseguem... Por vezes a sensação do membro fantasma dura por longos anos, mas em muitos casos, podesse constatar seu desaparecimento. Este desaparecimento faz-se, em alguns, repentinamente; em outros produz-se progressivamente; pouco a pouco, o

membro ilusório diminue de volume ao mesmo tempo que se aproxima do coto, e por fim parece ao paciente que seu membro desapareceu na cicatriz, «como uma sombra que entra no corpo», segundo a expressão de Weir Mitchel. (Dr. Pelletier, em «Bulletin de l'Institut Général Psychologique» (1905, pg. 280).

(Continua).

## Comunicações dos Espíritos no Velho Testamento

**M**uitíssimos factos comprovam a reencarnação. Seria longo enumerar todos quantos só podem ser explicados pela teoria reencarnacionista. A história está cheia de «meninos prodígios» deslumbrando e desnordeando filósofos e sábios. O catolicismo também os reconhece mas não querendo explicá-los, apelida-os de «milagres».

Em 1721, na cidade de Luebeck, (Dinamarca), nascia um menino que, vivendo apenas quatro anos (!), maravilhou e agitou o país todo com os seus chamados «prodígios». Essa criança, hoje mundialmente conhecida como o pequeno de Luebeck, na ocasião em que as de sua idade estão ainda no desenvolvimento da linguagem, falava com perfeição várias línguas e sabia de cor o Velho e o Novo Testamentos! A igreja católica qualificou o facto de «milagre», e deu-se por satisfeita. Nesse caso, como em inúmeros outros, não houve «milagre» algum. E' que o espírito que animou êsse corpo pelo curto espaço de 4 anos, já era um espírito evoluído, tendo armazenado conhecimentos e desenvolvido suas faculdades intellectivas, através-de incarnações passadas.

Factos idênticos se repetem periodicamente, como a despertar a modorra dos filósofos dogmáticos.

Passemos agora ao estudo das manifestações espíritas através-da Bíblia: — O chamado «Livro Divino», está repleto de factos espíritas, cuja explicação só o Espiritismo esclarece.

Desde a Genesis até o Apocalipse, nós encontramos em abundância o que

bastas vezes foi observado pelos denominados profetas ou médiuns.

O que é certo é que a Bíblia os registra e êles se repetem através-dos tempos, até aos nossos dias. «O Livro dos Espíritos» de Kardec, foi ditado pelos habitantes do além... e a igreja católica, não podendo mais negar a evidência dos factos, os atribue a Satanaz. E' mais cômodo...

Mas se Deus permite a comunicação de espíritos inferiores, porque não permitir a dos nossos guias e protetores espirituais? E se é de facto o «demônio» que se apresenta nas sessões espíritas, produzindo curas, dando tão elevados conselhos morais, mitigando assim a dôr física e espiritual dos que o procuram, êsse «satanaz» não pode ser um espírito mau para prodigalizar só benefícios. Com certeza o «demônio» já está se regenerando...

E' costume dos nossos detratores apontar a passagem do Deuteronomio, cap. XVIII — vers. 10 a 12, onde se lê que é «proibido perguntar aos mortos a verdade». No Levítico, cap. XX, vers. 27, também manda apedrejar homem ou mulher que em si tiver um espírito adivinho. No mesmo livro, cap. XIX, vers. 31, também ha proibição de consultas aos adivinhadores e encantadores.

Citar êsses capítulos truncados, usando e abusando de refalçada má fé, é fugir à verdade procurando fazer confusão em espíritos menos estudiosos da própria Bíblia.

Devemos ainda notar que essas proibições se enquadravam naquele tempo, para obstar o fanatismo ignorante do povo hebreu, contemporâneo de Moisés. Êsse povo abusava dos médiuns que por sua vez tiravam proveito próprio, fazendo



disso uma rendosa profissão especulativa, com o fim de adivinhar o futuro, etc.

Eram, então, conhecidos por «adivinhos», «encantadores», «pitonisas», «feiticeiros», etc. E em lugar deles, Deus daria um profeta em cuja boca poria suas próprias palavras: Deut. XVIII—18. Mas como o povo sempre gostou do *sobrenatural*, Deus revoga suas próprias leis e ensina a Moisés fazer encantamentos: (a vara que se transforma em víbora e a mão limpa que aparece cheia de chagas), afim de que o povo acreditasse no poder mediúnico de Moisés, como profeta: Êxodo, IV-1 a 17.

E se as leis de Moisés tivessem prevalecido até nós, Jesus teria permitido que se apedrejasse a adúltera... E se as comunicações dos espíritos estivessem irrevogavelmente proibidas, elas não se repeteriam até à última página da Bíblia... A lógica é clara e simples...

Apesar-de tudo isso, as comunicações continuaram, naturalmente com permissão de Deus, ensinando os povos e confundindo os incautos, conforme veremos: —

No 1.º livro de Samuel, XVI—14 a 23, lemos que, tendo se retirado de Saul o espírito do Senhor que o inspirava, outro espírito mau, também da parte do Senhor, passou a atormentá-lo. Os servos de Saul mandam chamar o médium David. Êste, tocando a sua harpa, minorava o sofrer de Saul que se sentia aliviado, porque nessa ocasião o espírito mau se retirava, deixando-o em paz.

David ainda presta um grande auxílio a Saul, matando o gigante filisteu.

Passam os tempos e Saul—o mesmo Saul que havia exilado todos os adivinhos e encantadores, desterrando-os e os ameaçando de morte — procura uma pitonisa para invocar o espírito de Samuel! Abra-se: I.º Samuel, XXVIII, 1 a 9: (3) «E já Samuel era morto, e todo o Israel o tinha chorado, e o tinha sepultado em Rama, que era a sua cidade natal. E apesar-de Saul haver perguntado ao Senhor; não obteve resposta, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. Então êle se decide a consultar a pitonisa de Endor. (8) — «E Saul se disfarçou e vestiu outros vestidos». (9) — A mulher, a Saul: «porque, pois, me armas um laço à minha vida, para me fazer matar?» (10)—Saul jura pelo Senhor que nenhum mal a ela sobreviverá por isso. (15)—A médium recebe o espírito de Samuel e fala com Saul

que diz: «por isso te chamei a ti, para que me faças saber o que hei de fazer. (19)— «Diz Samuel pela bôca da mulher: E o Senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, e amanhã tu e teus filhos estareis comigo e o arraial de Israel o Senhor entregará na mão dos Filisteus».

Vimos claramente o espírito de Samuel profetizar pela bôca da médium, cujas profecias se realizaram plenamente. E tanto era médium a mulher de Endor, que logo reconheceu Saul apesar-de seus disfarces.

Abraamos outro livro: I.º Reis, cap. XIV, vers. 1 a 17, onde outro «adivinho» por sua própria bôca, apesar-de velho e cego, também profetiza: —

(2) — «Diz à sua mulher: disfarça-te para que não conheçam que és mulher de Jeroboão e vai a Silo onde está o profeta Ahias». (3) — «Êle te declarará o que ha de suceder a êste menino». (Jeroboão tinha o filho doente). Entretanto, (5) — «o Senhor já havia dito a Ahias: Eis que a mulher de Jeroboão vem consultar-te sôbre o seu filho, porque está doente, e entrando ela, fingirá ser outra». (O próprio Espírito de Deus era conivente com êste médium). (6) — Ouvindo passos, disse Ahias: entra mulher de Jeroboão, porque te disfarças assim? pois eu sou enviado a ti com duras novas». E depois de dizer que Jeroboão não tinha sido fiel como David, pois havia feito OUTROS DEUSES E IMAGENS DE FUNDIÇÃO, lançando o verdadeiro Deus para trás, diz à mulher: (11) — «Levanta-te e vai-te para tua casa; entrando teus pés na cidade, o menino morrerá». (17) — «Então a mulher de Jeroboão chegando ao lumiar da porta, morreu o menino».

No II.º livro dos Reis, cap. XXII, vers. 14 a 20, deparamos com o sacerdote Hilcias consultando a profetiza Hulda, mulher de Sallum.

O próprio David consulta o profeta Natã sôbre a construção de um templo ao Senhor. E o Espírito do Senhor, FALANDO PELA BÔCA DE NATÃ, o proíbe de fazê-lo, conforme lemos em Crônicas, cap. XVII, vers. de 1 a 15.

Uma advertência ás comunicações dos espíritos, encontra-se em Isaías, cap. IX, vers. 19 a 22, onde se lê: «Quando pois vos disserem: consultai os adivinhos e os encantadores, e que chilreando entre dentes murmura: porventura não pergun-



tará o povo a seu Deus? ou perguntar-se-á pelos vivos aos mortos? A' lei e ao Testemunho, que se êles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva (manhã). As respostas pois, devem estar concordes com a Lei e o Testemunho, para que não sejamos ludibriados por espíritos inferiores e enganadores (demônios). Ou seja: «se as comunicações recebidas não estiverem de acôrdo com as verdades ensinadas pelo Espírito do Senhor, devem ser regeitadas como falsas e mentirosas e os espíritos dos mortos que a ditaram serão responsáveis pelas consequências de suas mistificações».

E quanta coisa não se poderia dizer sôbre as visões de Jeremias, Ezequiel, Daniel, Amós e de Zacarias? Todos êles médiuns videntes, notadamente Zacarias que teve oito visões reveladoras.

Um outro espírito se materializa tão perfeitamente que confunde o próprio Josué, o mesmo Josué que teve a pretensão de ter feito «parar» o sol:— E' o que vemos em Josué, cap. V, vers. 13:—«E succedeu que, estando Josué ao pé de Jericó, levantou os olhos e olhou; e eis que se pos em pé diante dêle um homem que tinha na mão uma espada nua, a quem Josué perguntou: E's tu dos nossos ou de nossos inimigos? E o anjo responde que é príncipe do exercito do Senhor, mandando Josué descalçar os sapatos porque o lugar em que está é santo».

Abrahão tambem foi médium vidente, pois viu e falou com 3 anjos: Genesis, XVIII—1 a 22. Lot recebe a espiritual visita de 2 anjos, á tarde, em Sodoma: idem, XIX—1 e no mesmo livro ainda, cap. XXII, vers. 11, o anjo do Senhor, fala das nuvens, a Abrahão suspendendo o sacrificio de Isaac.

Jacó luta com um anjo que depois o abençôa e chama-lhe Israel: dessa luta Jacó ficou com a juntura da côxa deslocada e por isso, côxo: Genesis, XXXII—24 a 28.

Moisés vê e fala com o anjo do Senhor, através de uma chama de fogo, ouvindo depois, a própria voz de Deus: Êxodo, III—2 a 5. Vemos pois que Moisés além de profeta, era médium vidente e auditivo. Êsse facto de voz directa de Deus a Moisés, vemos repetido no Levítico, I, 1; confirmada em Números, I - 1, e do Deuteronomio: V - 4 a 6.

No livro dos Juizes, II—1 a 4, os

israelitas são repreendidos pelo anjo do Senhor. Idem, cap. VI, vers. 11, um anjo fala com Gideon. Ibidem, XIII, 15, outro anjo do Senhor fala a Manué. Ainda no mesmo livro dos Juizes, cap. XIV, vers. 5 a 6, Sansão é tomado pelo espírito do Senhor, para se defender de um leão que havia investido contra êle. E Sansão mata o leão.

No livro de Daniel, II—2, o rei Nabucodonozor está perturbado com um sonho que teve. Manda chamar os magos, os astrólogos, os encantadores e os caldeus para interpretá-lo. E é Daniel quem o interpreta através-de uma visão reveladora (19), pelo que Daniel rende graças a Deus que havia permitido mais uma vez a manifestação de sua mediunidade adivinhante.

Ainda em Daniel, X—5 a 7:— Êle vê um mancebo vestido de linho e cingido de ouro, cujos olhos brilhavam como fogo; mas os homens que estavam com êle, diz Daniel, não viram aquela visão; contudo caiu sôbre êles um grande temor, e fugiram, escondendo-se. A materialização dêsse espírito só foi visível a Daniel, e os homens que estavam com êle nada viram, mas sentiram os fluidos e amedrontaram-se. No vers. 16 vemos que por causa dessa visão, sobrevieram dôres em Daniel e ela ficou sem fôrça alguma.

Outro facto bastante interessante se passa ainda com Daniel: Êle tem a visão de um carneiro e de um bode; ouve depois um santo que lhe fala; vê um outro homem diante de si; ouve uma voz nas margens do Ulai, dizendo a Gabriel que viesse explicar a Daniel aquela visão. E Gabriel se materializa na sua frente e fala-lhe explicando toda a visão. Daniel, que por êsse motivo enfraqueceu-se e ficou enfêrmo alguns dias, tinha pois várias modalidades mediúnicas: profética, auditiva, vidente, etc. Leia-se o que acima ficou resumido, em Daniel, cap. VIII, vers. 1 a 27.

Para encerrar êste capítulo, que já vem se tornando longo, citaremos apenas mais um facto: II.º Crônicas, XVIII, 19 a 22, onde um espírito se apresenta diante do Senhor pedindo-lhe permissão para persuadir o rei Achab, de Israel, a vir em Romoth-Gilead. E diz o espírito ao Senhor: Eu serei um espírito de MENTIRA na bôca de todos os seus profetas. E assim enganado, o rei desce a Romoth-Gilead, onde morre ferido por uma seta do inimigo.



Conclusão: os espíritos se manifestam sempre com permissão de Deus, e são de duas categorias: Superiores e inferiores. Estes últimos são chamados «demônios» pelos católicos... Os primeiros instruem e os últimos, perturbam. Lembremo-nos sempre de que os afins se atraem...

\* \* \*

Um facto interessantíssimo de materialização parcial acompanhada de escrita direta, pode ser estudada em Daniel, V-I.

Prof. Adauto de Oliveira Serra.

## Questões de Psiquiatria Social

(Colaboração do Centro de Estudos Franco da Rocha)

### ALCOOL, SÍFILIS, ESPIRITISMO

Pelo Dr. Anibal Silveira

(Para a «Folha da Manhã»)

Sob a epígrafe acima, em letras garrafais, encontramos na «Folha da Manhã», de 17 de Março último, um artigo que nos interessou desde logo. Como é de praxe, os escritos desta natureza, vêm, sem mais aquela, responsabilizando o Espiritismo como um dos fatores essenciais da loucura que enche os hospícios. E não faltam estatísticas forjadas para provar tal pretensão. Assim contávamos em topar pela frente uma saraivada de injúrias, responsabilizando também o Espiritismo, ao lado do álcool e da sífilis, como fator de loucura. Grande foi nossa surpresa ao vermos conceito inteiramente ao contrário.

Eis o artigo na íntegra, de cujo conteúdo o leitor pode destacar com especialidade a parte relativa ao Espiritismo, justamente a que mais nos interessa:

«As conclusões desta crônica não são as que, muito provavelmente, o leitor está a pressentir. Muito provavelmente, diremos, porque em regra o leigo que visita hospital psiquiátrico espera testemunhar de *visu* que são essas «as três principais causas» das doenças mentais. E é de ver-se a decepção que lhe causa o alienista ao mostrar quanto anda longe daí a verdade dos factos. Não será, pois, descabido reavivar aqui o assunto, ainda que em breves traços.

O álcool figura realmente entre os tóxicos mais terrivelmente perniciosos para o sistema nervoso. E' de conhecimento vulgar e constitue lugar-comum na li-

teratura o quadro degradante da embriaguez aguda. Mesmo porém em pequenas doses, ineficientes para embriagar, a ingestão habitual do álcool acarreta graves danos, definidos já de longa data. Vem em primeiro lugar a influência nefasta sobre o fígado, influência essa bem verificada clínica e experimentalmente. Sobrevêm não só processos inflamatórios—hepatites, esclerose, mas também a degeneração gordurosa. Com essa dupla deficiência a principal víscera da defesa do organismo perde gradualmente a função primacial de protegê-lo contra os agentes mórbidos. Daí a frequência e a gravidade que assumem as moléstias infecciosas em alcoolistas crônicos. Além disso, anulada aquela barreira inicial, o tóxico vai invadir outro campo essencial da economia orgânica: degeneração do próprio coração, por um lado, inflamação da superfície interna dos vasos sanguíneos, por outro, exprimem esta dúplice ação agressiva. Assim é que a substância cerebral sofre profundamente os efeitos do alcoolismo: de modo imediato, pelo tóxico carregado na massa sanguínea, de modo indireto mediante a esclerose arterial e a consequente desordem da irrigação. Derivam ainda desta mesma conjugação de causas duas condições mórbidas remotas. O álcool vai impregnando cada vez mais o líquido cérebro-espinhal, cuja atribuição é banhar o encéfalo e as membranas que o envolvem (meninges) e drenar os detritos das células nervosas. Donde a inflamação crônica das meninges, que se tornam leitosas e se espessam, aderindo à superfície do cérebro e à caixa craniana. A seu turno as artérias esclero-



sadas são sujeitas a espasmos, causando amolecimentos cerebrais, a pequenas rupturas que determinam extravasamentos punctiformes ou extensos—derrame cerebral, hemorragias da meninge «dura-mater». Essa a explicação de alterações psíquicas—cuja gama vai desde pequenos lapsos de memória, de incapacidade mental leve, até à obtusão progressiva e o embrutecimento demencial. Essa a explicação de muitos dos transtornos neurológicos, ora discretos, ora graves a ponto de implicar em total incapacidade física ou mesmo de ocasionar a morte. Mas o alcoolismo crônico é capaz de desgraças ainda maior. Porque pode estender a ação deletéria aos descendentes da vítima. Quando o faz, via de regra, é vulnerando a célula reprodutora, essa que traz em latência todos os caracteres físicos, intelectuais e morais da estirpe. Defeitos corporais, anomalias da organização dos centros nervosos e a consequente deficiência mental, convulsões, ou ainda anormalidades meramente psíquicas, podem assim derivar do alcoolismo dos progenitores.

Entretanto — é preciso que frisemos — quando o alcoolismo atinge essa intensidade e essa constância, tornando-se incorrigível, constitui indício de anormalidade psíquica. Indício, não causa. Ora é a tendência incoercível e periódica — dipsomania, ora um desses desvios de instintos que compõem as chamadas «personalidades psicopáticas», ora ainda consequência da encefalite—«doença do sono» —ocorrida na infância ou na adolescência. Geralmente, porém, a análise profunda do psiquismo revela causas morais que o próprio paciente ignora, inconcientes que são, as quais por dinamismos vários conduzem à libação alcoólica. O tratamento psíquico adequado vingará então o que nem as punições nem a melhor demonstração objetiva jamais conseguiriam.

A sífilis atua em campo ainda muito mais restrito como causa direta de doenças mentais. Afora a influência sobre o sistema circulatório—análoga em efeitos à do alcoolismo — afora lesões peculiares do crâneo ou das meninges, só lhe cabe papel definido em um único grupo. É a chamada neuro-lues, ou sífilis do sistema nervoso. Merece especial menção a «paralisia geral progressiva» ou doença de Bayle, que se traduz por desordens às vezes graves do comportamento subjetivo e social. Essa tem a caracterizá-la, ao lado

de sinais clínicos em geral facilmente reconhecíveis, alterações precisas do líquido cérebro-espinhal. Ademais, quando reconhecida a tempo, constitui ocorrência eminentemente curável pelos métodos biológicos, acrescidos do tratamento químico adequado. Em condições especiais a sífilis pode atingir o indivíduo na fase pre-natal, determinando indiretamente anomalias similares às que lembramos no caso do etilismo.

Quanto ao espiritismo, de forma alguma pode considerar-se causa de doenças mentais. Assimilá-lo a fatores patológicos, como êsses há pouco mencionados, constitui injustiça que exige reparação. Foi mesmo com o intento de atrair a atenção para êste aspecto particular que o incluímos no presente comentário. É tempo de se pesarem bem os factos e dissipar-se tal preconceito científico. Sentimos inteiramente á vontade para dizê-lo, como psiquiatra militante inteiramente de sapegado de qualquer crença sobrenatural.

Verdade seja que em geral os pugna-dores da higiene mental distinguem entre «espiritismo» e «baixo-espiritismo», certamente reservando esta denominação para práticas fetichistas. Mesmo assim, entretanto, devemos reconhecer que a injustiça persiste. E provém da assimilação de fenômenos compatíveis com a normalidade psíquica.

Sem dúvida o mediunismo, encarado na expressão estritamente objetiva, sem laivos de interpretações religiosas quaisquer, consiste em libertação do «automatismo mental», liberação esta passível de treinamento e cultivo. É certo igualmente que o «automatismo mental» patológico representa o núcleo principal de alucinações ou da formação de delírios, que por sua vez caracterizam a maioria das moléstias da mente. Todavia, entre ambos os grupos de automatismo vai tanta diferença quanto entre o sono profundo e o coma, ou entre a maliabilidade muscular do contornocionista e aquela devida a lesão do sistema nervoso central.

Não ha negar, também, que inúmeros doentes mentais recorrem aos centros de difusão espírita. Mas êsses lá vão ter por sentirem a desagregação psíquica, no caso patológica, ou por fôrça de interpretação religiosa de outrem. De qualquer forma, já se encontravam então com o psiquismo alterado. Nem representa o Espiritismo, necessariamente, concausa de



enfermidades mentais. Mesmo os casos em que a alienação mental se manifesta em praticante do espiritismo não autorizam a concluir pela nocividade dêste credo. Pode o coma sobrevir durante o sono, sem que por isso se interprete a êste último como causa propiciante daquêle».

Por aí se vê que a justiça vem se fazendo. Tarda, mas não falta. As estatísticas dos hospícios, fruto de *parti-pris*, carecem de prova. Rebuscadas á força, por prevenção odiosa contra uma doutrina que deve ser arrasada custe o que custar, por medicos muitas vezes instrumentos da ação clerical, não podia dar outro resultado que não fosse o esperado: o Espiritismo, ao lado da sífilis e do alcool, enche os hospícios. O artigo acima, da autoria de médico ilustre, diz judiciosamente o contrário. Aliás foi o que sustentamos em «A Nova Era», rebatendo num artigo pretenções maliciosas e injustas de alguém que escreveu no «Diário da Tarde» local, trasladando opiniões de médicos colhidas no livro «O Espiritismo no Brasil», obra tendenciosa, eivada de falsidades e injustiças.

O Espiritismo verdadeiro, o Cristianismo redivivo, que impõe a moral mais pura e cristã ao lado da demonstração da sobrevivência da alma

e explicação lógica e justa de todas as desigualdades sociais, confere resignação e fortaleza em face de todas as provas e sofrimentos da vida. Mesmo pessoas que não partilham a opinião espírita, mas que vivem em contacto com os bons espíritas, sabem da resignação destes em face dos revezes da vida. Já, em considerações semelhantes, fizemos ver que o Espiritismo é o maior antídoto mesmo da loucura propriamente dita, não falando das obsessões que constituem o seu maior número. Estas, só o Espiritismo ensina a causa, os meios de preveni-la e combatê-la. Na nossa opinião, os espíritas sinceros são os melhores resguardados contra as obsessões e loucuras.

Todo combate contra a verdade redundando em benefício da própria verdade. Muitas diatribes e calúnias têm sido forjadas contra o Espiritismo, dando-o como causa da loucura e reclamando com fúria a providência das autoridades. A-pesar-de tudo, a Doutrina caminha, os adéptos se multiplicam e a verdade triunfa. O exemplo acima é bem a prova do que afirmamos. Parabens ao colega que não teve vergonha de defender a verdade, muito embora provocando a revolta de muitos.

T. NOVELINO

## Allan Kardec, o Inconfundível!

J. B. Chagas

—«Encontrarás contraditores encarniçados, sobretudo entre os que têm interesse nos abusos. Não te inquietes, pois, com os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus acumularão no teu caminho»—disseram consoladoramente os espíritos a *Allan Kardec*.

\* \* \*

Quasi cem anos são passados, que estas palavras foram proferidas.

*Allan Kardec*, não vive mais no nosso plano. A Doutrina por êle codificada, com o auxílio dos Espíritos Superiores,

não conseguiu, ainda, é verdade, «reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade», seu principal objetivo, qual seja, juntá-los num só rebanho para um só pastor. Do contrário, não veríamos, passado tanto tempo, as pedras continuarem a ser acumuladas no caminho do Codificador, e até atiradas sôbre... a sua memória... Dolorosa realidade! Dolorosa revelação!

Ontem, os incrédulos, os maus. Hoje, os fariseus modernos, semelhantes aos sepúlcros caiados de branco, de que nos falou o Cristo, confirmando as palavras de Agostinho, quando afirmou que «por



muito tempo ainda haverá escribas e fariseus, que continuarão a negar».

Mas, si ontem as investidas dos inimigos do Mestre não o abalaram, hoje, certamente, no alto da sua glória, êle estará penalizado das fraquezas dos homens e sorrindo da ingenuidade dessas criaturas. E, por certo, lá, onde se encontra, nessa hora amarga que o mundo vive, êle, que não está inativo, porque continua a trabalhar com o mesmo desassombro e entusiasmo pela causa bendita da iluminação dos homens, estará ouvindo novamente dos seus maiores: — «Prossegue sempre. Crê em Deus e caminha com confiança».

*Allan Kardec*, como todo missionário, teria forçosamente que passar pela *via-crucis* do sofrimento, de receber apêdos e pedradas daqueles *aborrecidos da luz*, como diria *Emanuel*, e não somente isso — passados muitos anos da investidura da sua missão na terra, ainda assim teria de ser vítima da felonía e da calúnia. E o que é mais doloroso — entre os seus detratores se encontrariam criaturas que se dizem espíritas e agremiações que deviam prezar melhor o seu augusto nome e a doutrina codificada.

Mas, por singular coincidência, tudo o que se tem feito e se vem fazendo no desprestígio do Mestre de Lion, e a doutrina por êle codificada, antes de arrefecer-lhe o ímpeto, dá-lhe novo ânimo e novo vigôr.

Por mais de uma vez o nome dêsse grande benemérito da humanidade tem transitado pela rua da amargura. Ultrajado, vilipendiado, plagiado e copiado, mas também, por singular coincidência, todos os que assim vêm procedendo, têm sido desmascarados!

\* \* \*

Certa vez, num centro muito conhecido, em cujo seio militam espíritas de projeção na Doutrina, aguardava-se a visita de uma caravana, em nome da qual falaria um confrade componente da mesma. Casa cheia, vibrando à espera da palavra do irmão. No momento aprazado, surge o confrade à tribuna e passa a lêr a sua conferência. Mal o nosso irmão havia lido as primeiras páginas do seu trabalho e, verificámos, juntamente com outros irmãos, que estávamos diante de uma grossa burla aos presentes, pois, o orador lia, não um trabalho *seu*, mas sim um

capítulo inteiro do livro «Céu e Inferno», de *Allan Kardec*, com os mesmos casos e mesmos exemplos, em que o Codificador era mestre!... a ponto de não poder ser imitado, por quem quer que seja, pois, o seu estílo, o seu modo de dizer, tornaram-no inimitável, inconfundível!...

Ao chegarmos a residência, tivemos pressa de consultar a obra referida, e aí tivemos a comprovação do esbulho. Era mais uma «pedrada» no Codificador...

O' *Kardec*, presado mestre, até quando durarão a ignorância e a má vontade dos homens?

E os próprios espíritos responderam animadoramente a esta interrogação: — «Não vos inquieteis com a opposição; tudo o que contra vós fizerem se tornará a vosso favor e os vossos maiores adversários, sem o quererem, servirão à vossa causa!» Esta tem sido a principal missão dos detratores e misticadores de *Allan Kardec*: — aumentar a sua projeção, a sua glória, na razão directa do esfôrço que fazem em sentido contrário...

Então, prossigam, pois, na obra de devastação, porque, contra a sua própria vontade, estarão servindo á causa da verdade, e foi por isso que sabiamente afirmou o Cristo: — «Não se atiram pedras em frutos verdes!»

\* \* \*

E quando tôda a familia espírita comemora a data que assinala a passagem do Mestre insigne para a Espiritualidade, num momento em que a sua obra e a sua própria individualidade, vêm sofrendo os mais soêzes ataques, justo é que focalizemos a personalidade dêsse grande vulto, renovando-lhe o preito da nossa admiração e estima, pelo muito que êle fizera para a felicidade de todas as criaturas.

Para que se saiba, da nenhuma razão, e da insensatez destas investidas, vamos transcrever, em abono á memoria do discípulo de *Pestalozzi*, o que a seu respeito disseram os seguintes vultos:

O Snr. *Muller*, amigo íntimo e discípulo de *Allan Kardec*, presidente da Sociedade de Estudos Espíritas, de Paris, á beira do seu túmulo, entre outras cousas, confirmando a grande tolerância de que era possuidor o missionário, disse:

«A tolerância absoluta era a regra de *Allan Kardec*. Seus amigos, seus discípulos pertenciam a todas as religiões: Is-



raelitas, mahometanos, católicos e protestantes de todas as seitas; a todas as classes: ricos, pobres, sábios, livres pensadores, artistas, obreiros, etc. Todos têm podido vir até aqui, graças a ponderação que não sacrificava consciência nenhuma e que será sempre um bom exemplo».

E o Snr. *Muller*, recorda também as seguintes palavras, encontradas numa velha correspondência escrita sobre *Allan Kardec*, por um dos seus comensais: — «As cartas anônimas, as traições, os insultos e o denegrir sistemático das suas ações, acompanhavam êste trabalhador, este gênio benfeitor, e lhe faziam, moralmente, feridas incuráveis; organizado para viver cem anos êle tinha um coração de sensitiva; a injustiça, sobretudo a dos espíritos tagarelas e inconsiderados, lhe traspassavam o coração e foram a causa do aneurisma que o arrebatou aos 65 anos, quando êle tinha ainda tanto que fazer. Levantando-se ás quatro horas e meia da manhã, em todas as estações, êle escrevia atendendo à correspondência e ás composições novas, recebendo visitas, frequentando as assembléias das sextas-feiras, etc. Muitas vezes vinha vêr-nos nos momentos de cansaço e assentado à nossa mesa, êle ria como sempre, encontrando anedotas encantadoras, palavras alegres para nos distrair, e estimulados, nós partilhávamos de seu bom humor e disposição para o trabalho. Depois êle retomava alegremente sua vida afanosa. Todos os domingos, sobretudo nos últimos dias de sua vida, êle convidava amigos para jantar em sua vivenda de *Segur*; então, êsse grande filósofo, após ter discutido com doutos os pontos mais difíceis e os mais controvertidos da doutrina, ficava jocoso para nos distrair, fazia-se jovem, com muita simplicidade, à procura de uma alegria doce para seus convidados, e tinha um gênio especial para fazer isso, com elegância e sobriedade, tocado de particular e agradável bonhomia».

\* \* \*

Humberto de Campos, das plagas do além túmulo, classifica-o de «o grande missionário», dizendo mais:

— «*Kardec*, regosija-te com a tua obra! A luz que acendeste com os teus sacrifícios na estrada escura das descrenças humanas, vem felicitar-te nos pórticos misteriosos da imortalidade... O mal suave da esperança e da fé que derramaste

nos corações sofredores da Terra, reconduzindo-os para a confiança, hoje se torna em tua própria alma, fortificando-te para a claridade maravilhosa do futuro. No céu estão guardados todos os prantos que choraste e todos os sacrifícios que empreendeste... Alegra-te no Senhor, pois teus labores não ficaram perdidos. Tua palavra será uma bençã para os infelizes e desafortunados do mundo, e ao influxo de tuas obras, a Terra conhecerá o Evangelho no seu novo dia!»

\* \* \*

O genial sábio francês, *Charles Richet*, grande admirador de *Allan Kardec*, presta-lhe as maiores homenagens, na sua monumental obra *Tratado de Metapsíquica*, quando afirma que «é preciso admirar sem reservas a energia intelectual de *Allan Kardec*; apesar da sua excessiva credulidade, êle tem fé na experimentação». E acrescenta: «E' sempre na experimentação que *Kardec* se apoia, de sorte que sua obra não é sómente uma teoria grandiosa e homogênea, mas ainda um imponente conjunto de factos».

\* \* \*

Não menos valiosas são as palavras pronunciadas por *Camilo Flammarion*, grande amigo do Codificador, no discurso que pronunciou, à beira do seu túmulo, cujas palavras constituem o maior apanágio à glorificação de um homem, e de onde destacamos os seguintes trêchos: —

«Em breves traços — disse o astrônomo francês — vou esboçar as principais linhas da sua carreira literária. Morto na idade de 65 anos, *Allan Kardec* consagrou a primeira parte da sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, principalmente, ao uso dos preceptores da mocidade. Quando, em 1855, as manifestações, julgadas novas, das mesas falantes, das pancadas sem causa apreciável, dos movimentos insólitos de objetos e de móveis, começaram a atrair a atenção pública, e chegaram a produzir nas imaginações ardentes uma espécie de febre, devido à novidade dessas experiências, *Allan Kardec*, estudando a um tempo o magnetismo e os seus singulares efeitos, acompanhou, com a maior paciência e a mais judiciosa perspicácia, as experiências e as tentativas inúmeras feitas em Paris. Recolheu e coordenou os resultados obtidos



por essa longa observação e, com êles, compôs um corpo de doutrina publicado em 1857, com a primeira edição do *Livro dos Espíritos*. Todos sabem quão grande sucesso alcançou essa obra em França e no estrangeiro. A morte surpreendeu-o ao tempo em que, infatigavelmente ativo, êle trabalhava numa obra sôbre a relação do magnetismo com o Espiritismo. Inceprou-se ao digno amigo, a quem rendemos hoje as últimas (1) homenagens, não ser êle o que se chama um sábio; não ter sido físico-naturalista-astrônomo e ter preferido constituir um corpo de doutrina mo-

(1)—*Aquí falharam as afirmações do grande astrônomo francês. Aquelas não foram as últimas homenagens recebidas pelo insigne homem, como não serão as que, no momento, lhe está tributando toda a grande família kardecista.*

ral, a aplicar a discussão científica à realidade, à natureza dos fenômenos. Talvez fôsse melhor que as coisas tivessem assim começado. E' preciso não amesquinhar o valor do sentimento. Quantas consolações tem levado aos corações esta crença religiosa! Quantas consciências se têm expandido aos raios da beleza espiritual! Tivesse *Allan Kardec* sido um homem de ciência, e sem dúvida não teria podido prestar êstes benéficos serviços, nem propagar à distância o estímulo nos corações. Êle foi o que chamarei «o bom senso encarnado». Razão firme e judiciousa, applicava, sem descanzo, à sua obra, as íntimas indicações do senso comum».

Que êle, do alto da sua glória, possa inspirar-nos sempre são os votos que formulamos, ao encerrarmos esta crônica.

Nova Iguassú — Março de 1944.

## Alguns factos espiritas históricos tomados ao acaso, ocorridos em diferentes lugares e épocas

Constância — Por Carlos L. Chiesa

**M**encionámos Pitágoras ao referirmos que Apolônio de Tiana havia sido iniciado em sua escola.

Como Apolônio, Pitágoras era dotado de faculdades psíquicas.

A Pitágoras atribuíam doutrinas as mais diversas, e invenções as mais estranhas!

Acredita-se que nasceu em Samos e viajou pelo Oriente.

Propugnava o melhoramento dos sentimentos religiosos e morais. Segundo sua escola, a idéia era a única que torna possível a ciência e a sustentava, não fundamentada na matéria, mas em Deus. Seus objetivos era cultivar a supremacia das idéias e relacionava o político com o moral e a ciência, finalidade que procurava alcançar sua escola, constituindo uma espécie de comunismo ou um socialismo aristocrático.

Em dita escola, chegava-se ao sublime depois de amplas provas e grandes privações. Com isto conseguia-se avigorar o corpo e encami-

nhava-se aos ensaios da alma à meditação.

Proporcionava bens à comunidade e cumpria fielmente com a palavra empenhada, estreitava-se a amizade e socorria-se ao que experimentava vicissitudes.

Atribuíam a Pitágoras poderes sobrenaturais.

Afirmavam que aparecia e desaparecia em Crotona e, quando os crotoniatas o julgavam morto, aparecia misteriosamente, para se apoderar do mando político, moral e científico de Crotona.

E' possível que Pitágoras, como Apolônio, possuísse a facultade de desdobramento, facultade que hoje sabemos não ser sobrenatural.

A história registra factos que a confirmam e o Espiritismo permitiu comprová-lo.

Santo Antonio de Padua encontrou-se simultaneamente em dois lugares, quando salvou seu pai, demonstrando sua inocência.

Alguns comentaristas crêem, o



que é possível, que quando Jesus caminhou sobre o mar, o fez com seu duplo.

Ademais, atribuíam faculdades proféticas a Pitágoras.

Ensinou a imortalidade da alma, mas não se pode afirmar se, com ditos ensinamentos, mesclou a idéia da metempsicose ou se esta foi introduzida por alguns de seus discípulos, porque ao referir-se á alma, nela reconhecia um número, uma harmonia com individualidade própria que passava de um a outro corpo, e nós entendemos que este conceito da evolução da alma deve ser progressivo e não regressivo.

Sua regra ou princípio era : «Falar a verdade, praticar o bem.»

Julgava Pitágoras, que tanto influíra na mente dos crotonenses, com a eloquência de seus discursos no sentido de abandonar os vícios e que deviam reger sua conduta por decisões sãs e que as ações humanas deviam seguir um canal moral, que, sendo a moral e a ciência a trajetória da perfeição humana; preciso se tornava respeitar a autoridade científica e moral dos *aristoi* (1), os melhores, os mais perfeitos, porque estabeleceram uma espécie de comunismo ou socialismo aristocrático.

Na associação havia liberdade, odiava-se o despotismo, e o associado podia deixá-la quando o desejasse. Vestiam-se de branco.

Em Crotona e Italia fundou a escola itálica que tinha, além do objetivo filosófico e religioso, o moral e político.

Ademais, Pitágoras foi matemático e filósofo, fundador de uma sociedade e legislador.

Crotona se regia pelo sistema democrático, que não tardou a ser absorvido pela influência das novas idéias.

Conta-se que Chiton, famoso por suas riquezas, mas violentamente de-

sordeiro, pediu sua iniciação em dita escola, mas Pitágoras o repeliu. Devido à negativa, tornou-se chefe da democracia, derrotando mais tarde, dispersando ou matando os iniciados de Pitágoras, constituindo novamente o governo democrático. Não se sabe se Pitágoras morreu nessa contenda ou pode fugir.

O facto é que não pode continuar sua obra, que deixara incompleta.

Hoje o mundo está passando por um momento em que estão travados em luta de morte o totalitarismo e a democracia.

Então se dizia que deveria ser respeitada a autoridade científica e moral, ou os *aristoi*, hoje se pretende que seja a raça ariana. Naquele tempo, se odiava a tirania; agora está sendo sustentada.

Acreditamos que é muito difícil estabelecer, senão impossível, se as virtudes cidadãos estão na classe aristocrática; tampouco sabemos se estão em determinada raça ou em todas elas, ou ainda, na amálgama de raças. É possível que seja nestas.

Graças ao Espiritismo, sabemos que os espíritos evoluídos e virtuosos afluem a uma e outra classe. Nem sempre os que encarnam nas famílias aristocráticas, são mais virtuosos do que os que encarnam em famílias humildes.

As maiores mentalidades, condutores de almas e reformadores sociais que a História registra, parece terem preferido sempre o berço humilde, onde não havia ostentação, orgulho e vaidades.

Não escolheram castas nem raças, mas sim uma família, uma organização que por sua condição corresponda a seus propósitos, e esta, pela evolução orgânica, pela fusão das raças que se vem operando, por suas transformações através-dos tempos, os homens não sabem onde se encontra. Mas esta ignorância dos homens, não deve escapar aos espíritos evoluídos do espaço, que seguem as alternativas evolutivas orgânicas e espirituais e que vêm à terra para cumprir uma missão transcendente.

Moisés, Jesus, para não citar outros, e o mesmo Pitágoras, cujo pai foi gravador ou comerciante, de seu

(1) *Aristoi*, a princípio designava os fortes, mas no século de Sócrates e Platão, designava os cidadãos que possuíam as vantagens do nascimento, da riqueza, da influência e educação social e da virtude.



berço humilde souberam abrir passagem, para implantar, fazer arraigar suas idéias benfazejas.

E' possível selecionar homens mais virtuosos e capazes em uma democracia, e não numa aristocracia.

Verdade é que a democracia pode extremar em irritante demagogia por excesso de liberdades e, conseqüentemente, uma ditadura, mas então, deixaria de ser democracia para ser ditadura.

Não estar na democracia, seria portanto, não estar na igualdade; para estar na democracia é preciso voltar à lei, a governar na lei.

A democracia se ajusta mais à evolução, ao direito, à liberdade que pertence ao homem, aos povos, para reger seus próprios destinos e estarem em sua evolução própria e natural.

A democracia tem a virtude de oferecer a todo cidadão, os meios para que êle demonstre sua virtude e saber. Não estabelece círculos que entrem o livre desenvolvimento da vida; permite conquistar, por seu próprio esforço, posições evolutivas; não faz nem quer deuses nem tiranos.

A democracia constitue uma conquista humana, que já não é mais possível destruir, porque está na alma da maioria e responde às leis evolutivas do homem.

Continuamos agora, após esta digressão, com a exposição dos factos.

Baltazar, Ultimo Rei da Babilônia  
*Escrita diréta*

Os fenômenos espíritas nos in-

duzem a estabelecer a possibilidade de ter sido uma *escrita direta* a sentença que «a mão desconhecida escreveu na parede da sala de festin para onde Baltazar, completamente ébrio, fizera levar os vasos sagrados, que seu avô Nabucodonosor havia roubado no templo de Jerusalém, para usá-los em suas libações, as palavras eram:

«*Mane — Thecel — Phares*», que Daví explicou da seguinte forma:

*Mane*; «Deus contou os dias de teu reinado e marcou-lhe o fim.»

*Thecel*: «Foste colocado na balança e te encontraram em falta.»

*Phares*: «Teu reino será feito em pedaços.»

Com efeito, Baltazar foi vencido e morto por Ciro, rei da Pérsia.

#### O Oráculo e os Templos *Alexandre Severo*

Vestido com simplicidade, falava com bondade e dava audiências a todos, em hora determinada; um arauto em alta voz repetia esta fórmula aos mistérios de Elensis: «Não entra aquí cuja alma não seja inocente e pura». A miude repetia que havia mandado inscrever sôbre as portas: «Fazei aos outros o que desejareis que fizessem convosco.» Sua côrte estava cheia de cristãos e dizem que secretamente adorava o Cristo e Abraão. Ainda pensava erigir um templo ao Deus verdadeiro, se bem que *lhe houvessem respondido os oráculos que com isto faria que ficassem desertos os demais templos.*

*Em Janeiro de 1941, o Governo Inglês criava a «Cadeira de Estudos Psíquicos», na Universidade de Oxford, uma das maiores do Mundo, onde se tem formado gerações e mais gerações de sábios.*

*A criação dessa cadeira equivale ao reconhecimento oficial do Espiritismo pelo governo dêsse país.*

*E' bom lembrar que a Inglaterra é um dos países mais bem organizados do Mundo, onde tudo é fiscalizado e medido. Desde o momento porém, que uma coisa é considerada como verdadeira e justa, tem campo livre e mesmo é estimulada. A criação da «Cadeira de Estudos Psíquicos» confirma esta acertiva.*

*No entanto na Inglaterra a religião semi-oficial é o protestantismo, sendo que o catolismo também está muito disseminado.*

*Que belo exemplo, de liberdade e fraternidade!...*

*Deus inspire os nossos governantes, afim de proceder de igual modo.*

H. Magalhães.



# Impressões e Factos

(PELA UNIDADE DOUTRINÁRIA DO ESPIRITISMO)

...E o irmão presidente nos honrou, gentilmente, em confiar-nos a direção dos trabalhos da noite, que no «centro» não se fazia conferência, não se admitia êste gênero de propaganda. E só agia assim, porque se tratava de nós, por quem nutria sérias simpatias. «Para que conferências de vivos, se os mortos vinham dizer tudo e ensinar melhor, dentro de uma doutrina que não é de homens, mas dos espíritos?»

— Orientar a reunião por que obras?

Perguntámos, visto como não vimos nenhum livro espírita sôbre a mesa da presidência.

— Nós dispensamos, aquí, toda a sorte de livros.

As explicações são feitas pelos guias, encorporados.

Além de pouparmos tempo com leituras, dinheiro com a compra de livros, aprende-se mais, que os autores, por mais que saibam, sabem menos do que os espíritos, os guias.

— Não sou desta opinião, nem aceitaria um programa assim em «centros» em que eu militasse. Não posso compreender que a palavra sómente dos guias, baste. Seria, até, emprestar-lhe fóros de infalibilidade, coisa que repugnaria à índole evolutiva do Espiritismo. Para aprender-se bem, preciso é que se estude bem, analisando e comparando...

— E a recordação do que aprendemos nas passadas existências, não vale nada?

— Nossa vida presente é um reflexo da anterior. Ora, se o amigo acha, na existência atual, em que deve estar mais evoluído, que, para saber, pôde prescindir do estudo, o que teria sido, nêste particular, sua vida passada? Se eu, de resto, lhe perguntasse algo sôbre o rádio e o avião, que ainda não existiam, naturalmente, naquela existência vivida por seu espírito, que poderia responder-me?

Era a hora da reunião.

Na presidência, faláramos, exatamente, sôbre a necessidade de estudar sempre, de ler e ouvir de tudo para saber preferir o que fôr bom...

Êle, reajustando o que disséramos, falou sôbre a moral e a caridade, que a-

presentou feitas maravilhas superiores a estudos e a sabedorias.

A caridade, êle a entendia de modo diferente, pois havia «lido em Mateus que, primeiro, os teus». Não podemos atinar em que Mateus lera a «suprema afronta» à mais bela das virtudes. Pôde ser que em algum escritor forjazdesampaiano, chamado Mateus, que, no evangelista...

Depois, comentários e reajustamentos na intimidade.

Para justificar as esquisitices e excrescências de seu «espiritismo», afirmou que «o Espiritismo, como as outras religiões, tinha, também, falhas. E enormes!»

— Defeitos, o Espiritismo?! Defeituosos são os homens, os espíritos, quem sabe se a partir do mais defeituoso, que sou eu! Mas, o Espiritismo, que não é doutrina de homens, não pôde ter, é óbvio, defeitos humanos. Se se apresentam por aí erronias e absurdos com o nome de Espiritismo, refletindo as imperfeições humanas, que tem o Espiritismo de verdade com isto?

— Agora, o protesto é meu. Eu sou homem e não tenho defeitos, que é pura a minha moral. Considero-me, dentro da relatividade das coisas, um homem perfeito.

— O senhor, perfeito e espírita! Diga-me: a quantos cegos já fez ver? Quantos paralíticos já fez andar? Quantos demônios já expeliu e quantos enfêrmos já curou?

— A nenhum, hom'essa! E que tem uma coisa com outra?

— O senhor não é perfeito? Devia já, por si mesmo, ter realizado tais maravilhas, visto como o Cristo afirmara que se fossemos perfeitos, fariamos tudo isso e alguma coisa mais que êle não fizera. Ou melhor: que bastaria nutrir fé tamaninha de um grão de mostarda para a realização de prodígios. Ora, se o senhor nada disso fez, é que o senhor, nem tem fé do tamanho de um grão de mostarda, nem é perfeito...

—  
Ouvimos em importante cidade mineira:



«Uma feita, o guia de nosso centro avisou que um facto interessantissimo abalaria a atenção pública da cidade, pondo em relevo o Espiritismo.

Dias depois, um louco furioso foi metido, amarrado, no xadrez.

Alguns espíritas lá foram e expeliaram, a passes e a preces, os demônios, a causa da loucura, curando-se o homem. E já se tinha, até, pedido para Barbacena o carro forte, que o conduzisse ao hospício daquela cidade...

Atrás dêsse facto, outro e mais outro, para vitória da DOCTRINA e alegria dos spiritistas. De tal sorte os factos se iam sucedendo, que foi lembrada a instituição de um livro, para registro dos episódios mais dignificantes para o Espiritismo na cidade. O livro foi feito, em linda encadernação e ótimamente apresentável, para os relatos minuciosos dos fenômenos dignos de registro. E registramos os factos ocorridos até o advento do livro, que, depois do livro, os factos deixaram de aparecer...

Não será esta uma daquelas coisas de que dizia o Cristo: «Quem tiver inteligência de compreender, que compreenda?...»

Era fôrça que tomássemos parte numa sessão mediúnica; que a dirigíssemos até. Tratava-se de um caso de obsessão, tremendo. Fôramos. Sómente oito pessoas, que essa história de sessões mediúnicas de portas abertas, franqueadas à curiosidade de toda gente... O Cristo, para a única sessão espírita, mediúnica, que aparece no Evangelho, só levou consigo, dentre seus discípulos, os três de sua maior confiança e melhor afinidade. Foi bem êste o caso da *Transfiguração do Tabor* (Mat. 17).

Dos obsessores, o chefe era padre. Endurecidissimo. Tremendo de ódios e vinganças contra sua vítima, e de ameaças contra nós, pelo mal que andavamos fazendo à «religião do Cristo», que era, para êle, a religião a que servira.

—Enganas-te, meu irmão. Estou servindo, como posso, à verdadeira religião do Cristo, embora dessirva a religião de Roma, a que pertenceste. O engano é teu, é da Igreja, em querer, à viva fôrça, ser aquela religião de amor e perdão que Jesus Cristo prégou. Tanto assim é, que es-

tás aí cheio de ódio e de vingança contra quem não te vê, nem te ouve e te sente...

—Teu é que é o engano. Qual é a lei? «Quem com ferro fere...

—Com ferro será ferido», é óbio. Não se diz, entretanto, que a ferida aberta para a reparação da falta, seja obra de quem fôra ferido anteriormente, que seria isto a sanção da vingança... Deve haver, e há, um poder supremo, encarregado de aplicar a justiça necessária... Tu, que foste, como dizes, ferido, agindo assim, por vingança, iracundo e rancoroso, estás, a um só tempo, arvorado em parte interessada na punição, em juiz e carrasco, porque lavraste a sentença de tua vingança, que procuras tirá-la impiedosamente para a satisfação de um espírito que não sabe perdoar... E prégaste, como dizes, uma doutrina de perdão! E ameaçaste muita gente com o fogo do inferno, caso persistisse na perpetração de crimes!...

—E tinha o direito de fazê-lo.

—Inferno que, por teu bem, não existe. Senão, lá estarias, a estas alturas, mergulhado nêle até a fronte, pelos crimes que cometeste em vida, que continuas cometendo na Espiritualidade...

E por aquí se arrastou a doutrinação, até que o reverendo do Espaço ficou mais abalado nos seus rancores.

Êsse Espiritismo prático, de portas abertas, feito elemento de conversão... Engana-se, como está, aliás, no Kardec, quem supuser que êle é o melhor meio de propaganda da Doutrina. Teria sido, antes da Codificação. Hoje, com a Codificação kardeciana, a par de tantas obras de fôlego, subsidiárias, o ideal seria meter nas mãos do candidato a aceitar a DOCTRINA, as obras de Kardec, e outras, só lhe aconselhando a frequência de sessões práticas, depois de bem conhecer os fundamentos do Espiritismo...

—Eu tive, na ansia de fazer prosélitos por meio de sessões práticas, dolorosas decepções—confessou-nos ilustre confrade—A última foi em Belo Horizonte. Fôra uma das testemunhas daquela rumorosa mistificação do *médium*-dentista que, em importante centro belo-horizontino se propôs a transformar, publicamente, água em vinho, lembra-se?

Lembravamo-nos, sim.



Êle prosseguiu :

— Levara até ali um velho parente, que não topava o Espiritismo, ansioso de sua conversão por meio de um fenômeno espírita concreto. Diante do espetáculo da desmascaração do embusteiro, vendo arrancar-se-lhe o vaso previamente cheio de vinho, de sob sua camisa, com escândalo para a assistência, não pôde calcular como fiquei. Saindo dali, nem ânimo tive de articular uma só palavra ao companheiro. Salvou-me a explicação que lhe fizera de início: que aquilo não me estava agradando...

Ainda não houve, em Espiritismo, outra autoridade maior do que a de Allan Kardec. E' do bom-senso do codificador que nenhum *médium* ainda o mais famoso, pôde precisar, como o fizera o de Belo-Horizonte, a produção de tal e qual fenômeno em dia e hora certos. Para tais reuniões, imprescinde uma ambientação própria, adequada, homogênea. Nem o fenômeno, por si só, basta para convencer e converter ninguém, frisa, ainda, o codificador...

V

— Conheci uma garota de 13 anos,

Leopoldo Machado.

## Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Uma paciente, a Srta. R. F., era intermitentemente levada, por impulsos, a fugir e, em tais ocasiões, ficava grandemente agitada, porém, pouco depois de dar entrada em nosso Instituto, ficou livre da causa dessas carreiras.

Experiência de 15-9-1920

Espírito: Edward Sterling — paciente: Srta. R. F.

Médium: Sra. Wickland

Uma inteligência incorporou-se na médium e, levantando-se, procurou fugir, mas segura, ficou indignada.

Méd.—Não quereis sentar-vos?

Esp.—Não!

que era, para toda gente, um dêsse *médiuns* de efeito físico, que só de longe em longe aparece — ouvimos na mesma cidade.

A rapariguita realizava verdadeiros prodígios, mediunizada por Monsenhor Horta. O espírito do reverendo distribuía, fenomenologicamente, verônicas, medallinhas, bugigangas beatas, flores. Principalmente «monsieur» que havia, em abundância, no jardimzinho da família da *médium*. Como mais viva era a importância da *médium* menina, fôra descoberta a misticção.

Que comediante excelente de treze anos!

A respeito de tais fenômenos e de tais *médiuns*, vale a pena repetir, sempre, estas palavras do codificador: Para escapar á cilada, é preciso, antes de tudo, fugir ao entusiasmo que cega; é preciso que tudo seja friamente examinado, maduramente pesado, confrontado, etc.»

Doutrina de estudos, observação e análises, o Espiritismo dispensa entusiasmos fáceis, e não abre lugar a fanáticos...

Méd.—Para onde estais querendo ir?

Esp.—Para casa.

Méd.—Casa? Onde fica a vossa casa?

Esp.—Quero ir procurá-la (Lutando para libertar-se).

Méd.—Uma mulher bonita como vós, agindo dessa maneira!

Esp.—Mulher? Mulher? Sou mas é homem!

Méd. Donde viestes?

Esp.—Isto não faz diferença. Quero ir para casa.

Méd.—Onde fica a vossa casa?

Esp.—Onde puder achá-la. O que sei é que não quero ficar aqui mais tempo. Digo que quero ir-me embora.



Méd.—(Reconhecendo o modo de falar da paciente) Porque cortastes o vosso cabelo? (A enferma, sob um impulso irracional, cortara o cabelo curto).

Esp.—Pensáveis que iria usar cabelo comprido como de mulher? Não, senhor, eu não. Quero ir-me. Digo que quero ir-me embora.

Méd.—Para onde ireis? Não tendes casa!

Esp.—Não quero ficar aqui. Quero ir-me embora.

Méd.—Hã quanto tempo morrestes?

Esp.—Não estou morto. Quero ir-me embora. Não quero saber daquelas coisas horríveis que puseram sobre o meu corpo todo. (Referindo-se ao tratamento elétrico aplicado à paciente) Pareciam coisas afiadas que penetravam em mim.

Méd.—Sentistes a electricidade que apliquei num paciente.

Esp.—Procurei duas vezes fugir, mas me trouxeram de volta.

Méd.—Porque fizestes com que aquela senhora cortasse o cabelo?

Esp.—Não fiz ninguém cortar o cabelo. O corpo é meu e posso cortar meu cabelo, se quiser. Fui dormir e, quando acordei, o meu cabelo estava tão grande que eu não sabia o que fazer. Dormi, dormi muito tempo e, depois que acordei, verifiquei que meu cabelo estava tão grande que parecia uma mulher. Não podia ir ao barbeiro, porque tinha vergonha de sair na rua assim, de modo que eu mesmo o cortei.

Méd.—Não cortastes o vosso próprio cabelo, mas o de uma mulher de cujo corpo vos apoderastes.

Esp.—Foi meu cabelo que cortei. Porque me mantém aqui desta maneira? Não fiz nada, nem ao senhor, nem a ninguém!

Méd.—Estivestes importunando uma senhora e lhe causando grande mal. Dizeis que sois homem, mas estais ainda usando roupas de mulher. Como explicais isto?

Esp.—Não pude conseguir roupas de homem.

Méd.—Não basta êste facto para abrir-vos os olhos e mostrar que algo vos sucedeu?

Esp.—Posso sentar-me?

Méd.—Sim, desde que permaneçais quieto. Não podeis aperceber-vos do que vos aconteceu?

Esp.—Não quero ficar aqui. Quero ir para casa.

Méd.—Se vos sentar e prestar a atenção, explicar-vos-ei a vossa situação. Sois o que se chama «morto».

Esp.—Não morri, já o saberei. Parem de segurar-me.

Méd.—Não vos estou segurando, estou segurando a minha mulher. Deveis compenetrar-vos de que vos achais em estranha situação. Deixastes o vosso corpo mortal, mas ainda não compreendestes a vossa situação.

Esp.—Deixem-me ir, quero sair daqui. Porque estais me segurando as mãos?

Méd.—Não estou segurando as vossas mãos e sim as de minha mulher.

Esp.—Vossa mulher? Nunca a vi e nem sou vossa mulher. Pensais que um homem se casa com outro homem? Nunca ouvi semelhante coisa!

Méd.—O que vos digo é verdade. Sois um espírito ignorante e não compreendeis a vossa situação.

Esp.—Deixai-me só. Quero ir para casa.

Méd.—Nunca pensastes no que acontece a uma pessoa que morre.

Esp.—Não estou morto. Apenas dormi.

Méd.—E aquêle foi o sono da morte.

Esp.—Dormi tanto que, quando acordei, meu cabelo se tinha tornado comprido,

Méd.—Não só o cabelo tinha crescido como estava também vestido de mulher. Como as conseguistes?

Esp.—Não estou morto. Esta é a verdade.

Méd.—Perdestes o vosso corpo físico. Quando se perde êsse, torna-se o que se chama de «morto».

Esp.—Se eu estivesse morto, ficaria no túmulo até o dia do juizo final, até que o anjo Gabriel fizesse soar a sua trombeta.

Méd.—Isso é uma crença errada. Sois bem ignorante ainda para compreender os mistérios da vida.

Esp.—Ensinaram-me que, quando morresse, se eu acreditasse em Deus e no Cristo e que Cristo morreu pe-



los nossos pecados, que iria para o Céu.

Méd.—Porque não fostes para o «Céu» quando morrestes? Morrestes para o mundo daqui. Estais presente e no entanto não podeis vê-ros. O que tenho diante de mim é o corpo de minha mulher.

Esp.—Nunca vi vossa esposa e não a conheço.

Med.—Já ouviste falar em «médiu»?

Esp.—Já, mas não creio neles.

Méd.—Pois estais falando por intermédio de um «médiu». Dizeis que sois um homem e no entanto estais conversando comigo, por meio do corpo de uma mulher.

Esp.—Mentira, é mentira.

Méd.—Pois é verdade. Estais vestido com roupas de mulher. Sabeis que é algo estranha a vossa situação. Provavelmente não sabeis que estais em Los Angeles, na California.

Esp.—Não, não estou.

Méd.—Onde pensais que deveríeis estar?

Esp.—Há muito que não faço outra coisa senão viajar.

Méd.—Olhai para as vossas mãos. Não são as vossas.

Esp.—A primeira vez que vos vi foi quando pusestes aquela electricidade encima de mim e até senti vontade de dar-vos uma lição, para que não façais mais tal coisa a outro homem. Não podeis imaginar a dôr que produz. Não quero suportar mais tal coisa. Aguentei bastante e depois saí. Ao sair, um índio grande (espírito) se apoderou de mim e me meteu na

prisão. Depois me soltou e vim para aqui.

Méd.—Estivestes importunando uma senhora, que é nossa enfôrma, e tratamento elétrico lhe foi aplicado, para desalojar-vos.

Esp.—Que houve comigo? Tenho me sentido tão apertado.

Méd.—Não quereis compreender que estais em estranha situação. Ereis provavelmente um homem alto e vos sentís apertado porque estais ocupando o corpo de uma mulher menor do que o vosso corpo físico. Não quereis abrir os olhos e encarar os factos?

Esp.—Não há nada a aprender.

Méd.—Provavelmente muito tempo já passou desde que perdestes o vosso corpo. Em que ano estamos?

Esp.—Dormi tanto que não sei mais.

Méd.—E no entanto nos fazeis perguntas. Deveis saber que não vos vemos; apenas ouvimos falar.

Esp.—Que senso há em se falar com uma pessoa que não se vê?

Méd.—Esta senhora é um «médiu» e sois um espírito falando por meio do seu corpo.

Esp.—Não acredito no que dizeis.

Méd.—Este corpo é de minha esposa. Sois minha esposa falando a mim.

Esp.—Não sou vossa mulher! Sou homem!

Méd.—Afasteis-vos da mulher que estaveis importunando. Fazeis agí-la como uma pessoa maluca. Como viestes parar aqui?

(Continua).

## FACTOS INÉDITOS NO ESPIRITISMO

Poucos são os que desconhecem Conan Doyle, o grande romancista inglês, portador de formidável bagagem literária; mas a maioria dos seus leitores não sabe que êsse grande gênio das crônicas policiais era espírita por convicção.

Em Janeiro de 1930, êle e o pastor Burnes—pastor duma igreja espírita na Inglaterra é o equivalente de presidente dum Centro Espírita, no Brasil—levaram a efeito uma conferência, sôbre o tema: «O Espiritismo», num amplo salão de Londres.

Apesar-da vastidão do recinto, todas as cadeiras foram tomadas e por fim, não havendo mais lugares vagos, ficaram muitas pessoas sentadas no soalho e outras em pé. Entre estas, muitas pertenciam à mais alta aristocracia. Êsse facto demonstra a expansão do Espiritismo, no País dos Lords.

Conan Doyle era médiu de efeitos físicos. Contava êle que em sessões dêsse teor muitos objetos eram trazidos para o local, isto é Londres, das mais longinquas regiões da terra, como seja da China, Japão e outros pontos.

Aliás essas afirmativas eram confirmadas pelos entendidos, visto tais objetos não existirem na Inglaterra. Os mesmos fenômenos tem sido produzidos em Macaé, a bela Cidade Fluminense os quais podem ser verificados por toda a gente. — H. MAGALHÃES.



# PSICOLOGIA EXTRAHUMANA

J. Lima

(Para a «Revista Internacional do Espiritismo»)

**O** «DIÁRIO DA NOITE» do dia 8 de fevereiro do corrente ano, publica mais um caso d'esses celebrizados «médicos falsos», êste, revestido de interessante psicologia, dado que o embusteiro exercia a profissão ha muitos anos, cercandose de uma tal capacidade coerciva, e criando para si uma personalidade perfeitamente díspar da que propriamente possuía. O caso interessou-me sobremaneira, que resolvi ocupar com êle hoje o espaço destinado a esta crônica, encaixando-o jústamente numa das mais altas faces da doutrina espírita.

O meu objetivo é desenvolver um pequeno ensaio psicológico, destinado a um estudo teórico de como poder-se-ja explicar cientificamente o carácter de AMADEU C. RICCIARDI, que só possuindo, conforme narrou a reportagem do «Diario da Noite», o curso primário e o de madureza, pode exercer tantas profissões quais a de medico especialista, acatado e procurado, pois que se estabelecia em 5 salas amplas de predio central, provando com isso ter grande clientéla; mestre em linguas várias como portugûes, Inglês, Francês, Italiano e Latim; professor em Física, Química, Historia Natural, Matemática, e todas as matérias do ensino Comercial, etc., etc.

Talvez o caso já esteja esquecido dos leitores, mas pretendo agora analisá-lo sob um prisma extritamente científico (embora espiritista), e espero que essa análise possa levar alguém a meditar mais profundamente sobre o seu destino, procurando conduzir sua vida atual para formar no amanhã próximo o destino que porventura deseje ter.

De conformidade com a doutrina espírita e com a teoria da *reincarnação*, o corpo físico, desprovido da chama de vida que o animava, chama essa que constituia a própria personalidade do individuo, baixa à sepultura sombria, sofrendo então a natural desagregação molecular que o constituia e organizava como outras vidas em evolução, enquanto que o Espírito, o Eu, a Alma, ou ainda a Cha-

ma divina que vivia e que viverá eternamente, persiste em sua individualidade, permanecendo no próprio local onde viveu fisicamente — no lar, portanto — ou ascendendo — liberto que está e diáfano que é então — a planos fóra dos horizontes terrestres onde lhe é dado verificar o fulgor da existência. Geralmente, dado a falta de espiritualização moral, o abatimento dos ultimos instantes da morte, a surpresa da nova vida ou a incompreensão dos factos, o Espírito fica um certo período de tempo em estado de perturbação, permanecendo inconciente onde o tenha levado a sua inferioridade ou a sua superioridade. Segundo os ensinamentos espíritas, para acudir aos perturbados do após-morte, ha um trabalho especial feito por aqueles que já estão familiarizados com o Além, que conduzem o novo companheiro a determinado lugar onde êle possa sair daquele estado de catalepsia moral — se é que podemos assim nos expressar — e ir pouco a pouco se familiarizando também com o ambiente, entrando então na posse de sua própria natureza, readquirindo sua antiga personalidade e volvendo a recordar o que foi e o que fez, recordações que o animarão ou o forçarão a tomar deliberações para o futuro.

E', em pálido exemplo, o que geralmente acontece com o caipira que, deixando sua palhoça sem móveis, seus amigos sem fraques, seu sertão sem arranha céus, vem para a cidade metropolitana: a princípio êle fica completamente aturdido com tudo e não sabe nem como tomar qualquer direção; depois, pouco a pouco, informado por moradores da cidade, ambientando-se com o grande movimento, êle vai se tornando também um «capitalista» e já pôde sossegadamente resolver sôbre o que mais lhe convém. Dá-se o mesmo, em ressonância naturalmente diferente, com o Espírito após o fenômeno da morte. Embora êle esteja a voltar para sua pátria de onde um dia êle partiu para a jornada terrena, tudo lhe é estranho, salvo os que já bem evoluídos e bem



espiritualizados se sentem repentinamente reintegrados nos seus verdadeiros atributos.

Uma vez ciente do seu estado, o Espírito passa então a analisar sua situação. Se acha que pouco ou nada fez na sua última passagem pelo planeta e reconhece que novas jornadas lhe são precisas para completar o grande ciclo evolutivo da fase em que então se encontra, toma êle deliberações para aquí renascer novamente sob tal ou qual vida, bôa ou ruim, elevada ou humilde, de conformidade com o que de melhor ou mais conveniente lhe pareça para o progresso que êle deseja alcançar a todo custo. Pede então a Deus que lhe satisfaça a vontade e Deus, por suas sábias leis, atende ou deixa de atender, pois, afóra o próprio livre-arbítrio que personaliza o sêr, antes de tudo existe a lei da Providência a reger-lhe a existência, pois cuida com muito cuidado de seus Filhos. Quando, porém, a criatura—o Espírito—não está ainda em condições intellectuais suficientes para resolver sósinho quanto à necessidade de se reincarnar, já por completa ignorância, já por relaxamento ou indiferença, então a Lei, por si mesma preside ao novo nascimento material do Espírito, do modo como melhor lhe seja preciso.

Então patentêa-se a chamada *reincarnação*. A criança que nasce, o novo homem ou a nova mulher que se forma, é, em sua essência espiritual, anímica, o Espírito que volta à terra, para nova jornada, conservando naturalmente, todos os seus atributos próprios, todos os seus conhecimentos, os quais jamais se destróem, antes se ampliam e se robustecem. Só que, incarnado, o Espírito não pode manifestar com precisão todos os seus atributos ou conhecimentos, que, de alguma maneira ficam encobertos pelos órgãos físicos, os quais, por serem ainda bastantes grosseiros, não permitem plena liberdade ao Espírito, que fica por assim dizer prisioneiro, enxergando sómente o que lhe permita o ambiente de sua prisão, não podendo apreciar o panorama lá de fóra, embora, no seu íntimo, porque o conhece, êle saiba existir. E' ainda como um homem que haja ficado cego; embora saiba o que o cerca, não pôde contudo vêr o que se passa em seu redor.

Ainda nisso está se revelando a Lei da Providência, pois se os homens se recordassem de suas vidas passadas e soubessem com precisão o que existe além

da Terra, pouco mérito teriam suas vidas e o mérito só terá valor quando ganho através da luta e do perfeito conhecimento. A sabedoria tem que prevalecer sôbre a ignorância, *sómente pela destruição desta*.

A perda, porém, da memória espiritual no homem, não é igual para todos e ha diversos casos amplamente testemunhados de criaturas que se lembram de cousas passadas, enquanto outras demonstram possuir conhecimentos que de forma alguma poderiam possuir nesta vida, mas que os possuíam em outras. A precocidade infantil é um imenso arquivo de factos e Mozart, o grande Mozart é um dos que mui nobremente o prova.

Voltando, pois, ao caso de Amadeu Ricciardi, tenho a concluir do seguinte modo, com perfeita tese científica :

O Espírito do então Amadeu Ricciardi, foi em vida ou em vidas anteriores, aquí, um cientista ou um médico que, morrendo, tornou a renascer (reincarnou) destinado, provavelmente, não a ser médico novamente, mas a cumprir outras tarefas úteis ao seu progresso espiritual. Mas, por infelicidade sua talvez, o Espírito esqueceu-se de suas deliberações ultteriores tomadas no Além antes de penetrar no corpinho de que ia se revestir, e lembrou-se do que não deveria lembrar-se, isto é, que era médico (a natureza, aliada ao livre-arbítrio individual é grandemente elástica); então, orgulhosamente, saiu de sua mediocridade intellectual actual, abandonou sua modesta posição social que naturalmente deveria exaltá-lo e engrandecê-lo quando deixasse novamente o plano físico, e voltou a cultivar sua antiga profissão, embora o fizesse de um modo naturalmente inconciente (que Freud me auxilie com o profundo mistério do subconciente!) e contrário ás leis sociais do mundo.

Dessa forma, se eu fôsse juiz nessa questão, de acôrdo com os conhecimentos que possúo do Espiritismo, a resolveria do seguinte modo :

*Primeiro* — Numa reunião espírita séria, dispondo de um *médium* não menos sério, concentrava-me e pedia ao Além que me instrísse a respeito da minha teoria sôbre o passado do Espírito de Amadeu Ricciardi, prestando muita atenção a que não fôsse iludido ou mistificado.

*Segundo* — Se tivesse obtido resposta afirmativa no primeiro caso, isto é, que



corroborasse minhas suspeitas, chamaria o Amadeu e lhe faria ver sua situação espiritual, passando-lhe boa reprimenda (em nome de Deus) por não ter êle sabido cumprir satisfatoriamente sua missão; e

*Terceiro* — Dando a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que só a Deus per-

tence, condenava o réu por se ter permitido à profissão de médico sem possuir um atestado da Faculdade de Medicina e em seguida absolvía-o da imputação falsa de «falso médico».

Está bem, assim «dr.» Amadeu Ricciardi?

# Crônica Estrangeira

## O purgatório vasio

De «Echos e Notícias»

Não se trata de uma hipérbole, nem muito menos de uma simples pilhéria! Trata-se de uma informação de fonte límpida, que é obra de um matemático escrupuloso e lógico, como os leitores vão vêr. Eis por que cálculos infalíveis chegou o homem a descobrir que o Purgatório católico está vasio. Sigamos o seu luminoso raciocínio.

Ou não se deve acreditar na eficácia das indulgências — diz êle —, o que seria herético, ou no Purgatório não ha uma só alma.

Com efeito, no mundo existem..... 150.000.000 de católicos, dos quais, segundo autorizadas estatísticas, morrem diariamente 10.125. Desse 10.125 as três quartas partes vão para o Inferno. Mas, suponhamos que só a metade tenha tão atroz destino; restam 5.062 1/2, dos quais muito poucos vão diretamente para o Céu. Por excesso de condescendência, imaginemos que êsses muito poucos são os tais 62 1/2. Entram, portanto, para o Purgatório 5.000 almas diárias; porém, saem, apenas aí deram entrada, em virtude das indulgências que na terra ganham os vivos para os mortos, por meio de práticas tão fáceis quanto curtas.

Por exemplo: Pio IX estabeleceu uma indulgência plenária, que, ganha por um fiél em estado de graça, salva do Purgatório, de uma só cajadada, 535 almas. Ora, si as cifras também gozam de uma certa infalibilidade, basta que ganhem por dia a dita indulgência 10 pessoas (e muito mais numerosas são as que a ganham, ou melhor, as que supõem ganhá-la, porque essa devoção está espalhadíssima), basta que ganhem a dita indulgência dez pessoas, dizíamos, para que extraíam ins-

tantaneamente do Purgatório, com êsse novo pó de Perlimpinpin, 5.350 almas, isto é, 350 mais do que as que aí entram.

Porém, os papas concederam muitas outras indulgências plenárias que têm poder de extrair uma só alma do Purgatório. Essas indulgências são diariamente ganhas por muitos *justos* que realizam as devoções por elas impostas. Em Madrid, por exemplo, quem reza na igreja de San Luis, um «terço» ganha, pelo menos, uma dessas indulgências. Note-se que nem sequer falámos de muitíssimas mil outras parciais, isto é, que obtendo o perdão de uma parte da pena purgatorial, uma vez somadas, conseguem certamente retirar das chamas do Purgatório carradas de condenados.

Nada disso é perdido, segunda a Igreja.

Em Roma, ha sete templos católicos que gozam de privilégio idêntico ao de San Luiz e, não ha grande cidade em que não haja católicos que não possuía, pelo menos, um templo nas mesmas condições.

Por um cálculo aproximado, pode-se admitir que, nos 150 milhões de católicos, haja, no mínimo, um sôbre mil que ganhe tais indulgências. Isso dar-nos-ia . . 150.000 almas salvas quotidianamente. Porém, seria demasiado. Imaginemos por absurdo, mesmo porque o *credo quia absurdum* é doutrina da Igreja, que a proporção não é de um para mil, mas sómente de um para dez mil. Isso nos dá, ainda assim, nada menos de 15.000 almas que quotidianamente escapam à sucursal da caldeira de Pedro Botelho, graças ás indulgências plenárias de segunda ordem. Juntando a êsse primeiro resultado as outras 5.350 da tal indulgência que, de pancada, salva 535 condenados ás châmas temporais, chegamos—são as cifras que o dizem — ao resultado total de 20.350 almas arrancadas por dia do Purgatório.

Ora, como aí só entram 5.000 cató-



licos diariamente, é forçoso concluir que o Purgatório está vasio.

Se o Purgatório está vasio, os que aí deviam entrar também não entram, por causa de passivo imenso que tal... instituição já deve ter a esta hora. Quando um católico que escapa ás labaredas eternas vai para dar entrada nas temporais, os demônios fecham-lhe certamente a porta ao nariz, porque os outros já se encarregaram de ganhar o Céu por êle.

Qual é a consequência de tal estado de cousas? E' que, atualmente, de acôrdo com as próprias bases fornecidas pela Igreja, não há razão para que se gaste nem mais um real em missas pelos defuntos, porque uma das três hipóteses deve ser verdadeira: ou êstes vão para o Inferno (e nêste caso toda e qualquer missa é inútil, pois que quem aí cai, cai por toda a eternidade), ou vão para o Céu, por obra das indulgências já ganha, ou a eficácia das ditas indulgências é enganadora. Não há para onde fugir...

Nós só vemos nêste argumento da diabólica estatística (Mais uma instituição infernal! — devem dizer os padres), uma saída lógica. Lógica para a Igreja, entendamo-nos. E' editar esta, mais uma vez, o seu famoso e salvador «*Credo quia absurdum!*» — que no caso, pode-se perfeitamente traduzir da seguinte fórmula:

*Creio, porque é estúpido!*

\*

## Médium que infringe a lei, por curar o cancro e outras doenças...

Por Isidoro Duarte Santos — De «Estudos Psíquicos», de Lisboa

Custa a acreditar, mas é assim mesmo e o caso passou-se na livre Inglaterra, onde o Espiritismo tem caminhado a passos de gigante. Até há pouco, os médiums curadores exerciam ali a sua missão, sem que a polícia desse pela sua existencia. Agora, o caso é diferente, sobretudo depois de aprovado um projeto de lei engendrado por ilustres esculápios, com o fim de se defenderem contra a diminuição da clientela...

W. T. Parish, de quem já temos falado nestas colunas, é o médium em questão, que infringiu a lei, curando o can-

cro e anunciando o facto com a publicação duma carta da filha da doente.

A notícia respigámo-la do *Psychic News* de 6 de Setembro, em artigo do seu director, o bem conhecido propagandista Maurice Barbanell, segundo o qual não foi só o médium quem infringiu a lei, mas também êle, director do jornal, por haver publicado a carta, e a correspondente, por a ter escrito, e a própria doente, por «anunciar» a cura, dizendo que estava melhor...

*Psychic News* intrinje, novamente a lei, noticiando a cura e extraindo alguns parágrafos da carta enviada a Parish pela senhora B. Hewitson, de Disraeli Road, Londres, S. W. 15, lembrando a hora em que telefonou ao médium, dizendo-lhe que sua mãe sofria dum cancro do estômago. E, noite e dia, ela, seu marido e dois amigos mantiveram-se em concentração, ao mesmo tempo que o médium exercia a ação psíquica na cura a distância. E a cura realizou-se.

Outro caso é o da mulher cega de um olho e a quem uma intervenção cirúrgica inoportuna roubara a vista do outro. Tratava-se da sra. Gaywood, então residente Tottenham, Court Road, West London, e agora vivendo no campo, perto de Dorking. A doente escreveu ao médium, com o auxílio duma régua, que collocava sôbre o papel para guiar a pena, visto estar inteiramente cega.

— Estou absolutamente só — dizia ela — Perdi o contacto com toda a gente, mas tenho fé nos meus espíritos amigos. Quero falar com o médium curador sr. Parish. Sei que me ajudará, se tiver tempo para isso. Como não descobrira meio de lhe falar e não tinha quem escrevesse por mim, escrevi eu a carta.

Parish respondeu logo, dizendo que ia tratá-la. Passadas algumas semanas, a sra. Gaywood começou a ver, agradecendo o esforço dum médium curador que se encontrava a muitos quilómetros de distância e que nunca chegou a conhecer a enfôrma, sôbre quem incidiam os seus tratamentos.

Além destas, muitas outras curas têm sido realizadas por W. T. Parish. Um individuo foi curado duas vezes, em três anos. Da primeira vez, sofria de úlcera gástrica e foi restabelecido por cura a distância. «Efetivamente — escreveu à esposa do enfôrmo — os médicos não querem acreditar que êle tivesse uma úlcera.



Da segunda vez, o médico aconselhara uma operação de concreção biliar. A esposa escreveu novamente a Parish, pedindo-lhe que exercesse a cura a distância. Um mês depois, a mesma senhora escrevia ao médium: «Devo agradecer-lhe o grande auxílio que já lhe prestou. A semana passada tinha o médico em seu poder oito radiografias do estômago de meu marido. Pois agora não encontra o mínimo vestígio de concreção biliar».

Um rapaz que estava no hospital soube que os médicos se preparavam para lhe amputar uma perna. Mas teve um amigo que escreveu a Parish e a perna foi salva. Uma senhora que fôra auxiliada a distância durante uma séria operação, há cerca dum ano, escreveu também para declarar que, após as experiências do hospital, teve alta com a indicação de «diabetes curadas». O próprio doutor se admirou, dizendo que era coisa rara.

O diretor de *Psychic News* diz que viu todas estas cartas e conhece os nomes e endereços dos correspondentes, acrescentando:

«Os médicos podem inconscientemente zombar da cura espírita, mas ela exerce-se, a-pesar-de tudo».

Parish continua a consagrar-se por completo ao serviço da humanidade. Cura enfêrmos, anima outros curadores e inspira muitas pessoas. E às vezes, para cumprir o seu dever, tem que transgredir... a lei. Nada há que possa impedi-lo de desempenhar a sua missão.



## Factos

De «La Revue Spirite»

Os materialistas, os positivistas, os ateus, os negadores do espírito, comenta Camilo Flammarion a título de preâmbulo, erram completamente, pensando e ensinando que no universo nada existe além da matéria e suas propriedades, e que todos os factos da humanidade se explicam pela sua teoria. E' esta uma hipótese inexata.

Há outra cousa além da matéria, algo independente das faculdades cerebrais, classicamente admitidas. Há o desconhecido, domínio inexplorado, infinitamente mais vasto que o conhecido.

Que pensar, por exemplo, da história relatada em *Ainslee's Magazine* de 1892, pelo Dr. Minot Savage?

«Num arrabalde de New York, habitava um jovem que terminara seus estudos no estrangeiro, Universidade de Heidelberg. Seu temperamento não era imaginativo. Grande e robusto, gozava a reputação de ser atleta. Seus estudos favoritos eram as matemáticas, as ciências físicas, a electricidade. Êle voltava da Europa e sua saúde era excelente. Sempre se conservava junto à mãe, na casa de campo que esta possuía no arrabalde. Êle tinha o hábito de ir todos os dias, após o jantar, ao jardim, fazer os cem passos, e fumar seu cachimbo. Certa noite, retornou tranquilamente, e, sem nada dizer a qualquer pessoa, foi deitar-se. Na manhã seguinte, êle entrou no quarto de sua mãe que ainda estava deitada, e docemente passou a mão sobre o rosto dela para despertá-la suavemente; em seguida lhe disse:

— Mãe, tenho algo bem triste a comunicar a você. Preciso é arme-se de coragem afim de ter fôrças para suportar a notícia.

A mãe, compreende-se, sentiu-se estupefacta e perguntou o que êle queria dizer.

— Mãe, eu estou certo do que digo: eu vou morrer daqui dentro de pouco tempo.

Perturbada e aterrada, como se pode imaginar, ela lhe pede explicações.

— Ontem à noite, respondeu êle, ao perambular na praça pública, apareceu-me um espírito que pôs-se a caminhar a meu lado. Dêle eu recebi o aviso: eu devo morrer.

Vivamente impressionada, a mãe chamou o médico e contou-lhe a causa da sua apreensão. Êste, depois de haver atentamente examinado o jovem, nada encontrou de anormal em seu estado e assegurou que tudo não passava de mau sonho, uma pura alucinação, que era preciso não mais pensar nisso, pois dentro de poucos dias, a mãe e o filho ririam de seus temores imaginários.

Na manhã seguinte, o moço não estava tão bem disposto como de costume e foi chamado o doutor pela segunda vez: de novo êle ridicularizou seus temores.

No terceiro dia, agravou-se o estado do enfêrmo, o médico voltou e viu-se forçado a constatar um caso de apendicite. O jovem foi operado e morreu dois dias mais tarde. Entre a visão e a morte somente eram decorridos cinco dias».



# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Sessão Comemorativa

Como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou, dia 7 do mês passado, às 20 horas, uma sessão comemorativa da Lição da Paixão.

Feita a prece de abertura pela nossa companheira farm. srta. Zelia Perche, recitaram poesias as seguintes crianças e jovens: Miriam Perche, «Jesus»; José Leme, «Sermão da Montanha»; Maria Zilda Cunha, «Prece a Jesus»; Dirce Palazzi, «Amor Fraternal»; Tales Costa, «Ide e Prégai»; Joanna Pizzoni, «A Flôr»; Cleide Perche, «Ao Nosso Redentor»; Edna Gonçalves, «Bendito Espiritismo». A seguir, usaram da palavra os companheiros srta. Zélia Perche, Edo Mariani, Costa Filho e prof. D. Maria Casanova.

## O Lar

Com êste título, está prestes a surgir na arena da imprensa espírita mais um jornal de propaganda da doutrina.

Orgão do «Lar de Jesus», de Nova Iguassú o novo companheiro de ideal, que já foi registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda, sob o n.º 13.556, tem como Diretor-responsável o prof. Leopoldo Machado, como redator Antonio Lima, e como secretário J. B. Chagas, três abnegados trabalhadores da seára cristã, escritores e jornalistas dos mais apreciados.

O programa de «O Lar» está assim elaborado: a) Artigos sôbre a influência do Espiritismo nos lares, nas escolas, na educação da mulher, da juventude e da infância; b) Reportagem substancial de uma obra de assistência social, ilustrada a fotografias e a factos; c) O Evangelho explicado á luz da 3.ª Revelação; d) Conto, teatro, novela e poesia espírita; e) O facto empolgante da época estudada á luz do Espiritismo; f) Crônica espírita; g) Concurso litero-doutrinário, que desperte gosto e interres-

se pelo estudo e pela Doutrina; b) Ato espírita, do interêsse dos centros espíritas em geral; i) A propaganda do livro espírita, a crítica literária, etc. etc.

«O Lar» sairá, a princípio, mensalmente, encurtando sua saída à medida que se fôr difundindo.

Tabela de cooperação de «O Lar»: 10 exemplares mensais, cr. \$3,50; 20 — 7,00; 30 — 10,00; 40 — 13,00; 50 — 16,00; 60 — 19,00; 70 — 22,00; 80 — 25,00; 90 — 28,00; 100 — 30,00.

Para 1 exemplar, auxílio na base de 40 civs.

Como vemos, «O Lar» está destinado a fazer ótima propaganda da doutrina, merecendo, portanto, o apoio incondicional dos espíritas em geral.

A «O Lar» almejamos feliz aparecimento e vida longa na sua nobre tarefa de espiritualização. E ao «Lar de Jesus», ao Leopoldo, Chagas e Antonio Lima, as nossas sinceras felicitações pelo importante empreendimento.

## Mundo Espírita

Êste nosso prezado companheiro, um dos baluartes da imprensa espírita, e que dia a dia vem se impondo à consideração dos espíritas em geral, pela orientação firme que lhe imprimiu o seu diretor, o nosso distinto amigo Dr. Henrique Andrade, viu passar dia 4 do mês passado, o seu 12.º aniversário.

E' um acontecimento que alegra sobremaneira a família espírita, porque trata-se de um jornal que, desde o início de sua fundação, vem se orientando conforme os postulados evangélicos, com perseverança, tenacidade, fé e desprendimento, visando unicamente a difusão da doutrina.

Associando-nos de coração à satisfação de todos quantos labutam nessa colmeia cristã, almejamos a «Mundo Espírita» longa existência e crescente progresso sob os auspícios de Jesus.



# = Sanatório “Américo Bairral” =

## Movimento Hospitalar referente ao ano de 1943

Existiam em tratamento em 31-12-1942:							
Homens	29						
Mulheres	29	58					
Entraram durante 1943:							
Homens	78						
Mulheres	62	140					
Tratados durante 1943-198							
Receberam alta curados:							
Homens	46						
Mulheres	34	80					
Receberam alta melhorados:							
Homens	6						
Mulheres	9	15					
Retirados melhorados sem alta:							
Homens	9						
Mulheres	5	14					
Retirados sem alta:							
Homens	6						
Mulheres	4	10					
Retirados por incuráveis:							
Homens	5						
Mulheres	3	8					
Faléceraam:							
Homens	7						
Mulheres	7	14					
Passaram p/ 1944:							
Homens	28						
Mulheres	29	57					
Total		198					
Foram internados:							
<i>por estado civil:</i>							
Solteiros	56						
Casados	67						
Vivos	14						
Menores	3						
<i>por religião:</i>							
Católicos	106						
Protestantes	5						
Espíritas	6						
Indiferentes	23						
<i>por categoria:</i>							
Indigentes	38						
1/2 pensionistas	48						
Pensionistas	54						
<i>por idade:</i>							
de 10 a 14	0	2					
de 15 a 19	4	4					
de 20 a 29	19	12					
de 30 a 39	28	19					
de 40 a 49	10	15					
de 50 a 59	11	9					
de 60 a 69	3	3					
de 70 a 79	0	1					
<i>por nacionalidade:</i>							
	H.	M.					
Brasileiros	71	54					
Estrangeiros	7	8					
<i>por classificação psiquiátrica:</i>							
	H.	M.					
1) Psicose infecciosa	0	0					
2) Psicose auto tóxica	4	12					
3) « hetero-tóxica	12	0					
4) Esquisofrenia	4	6					
5) Parafrenia	5	3					
6) Paranoia	1	0					
7) Psicose maniaca depressiva	25	24					
8) Psicose da decadência	4	4					
9) Psicose por afecção cerebral	0	0					
10) Neuro sífilis	3	0					
11) Paralisia geral	4	0					
12) Epilepsia	8	4					
13) Neuro-psicose	10	8					
14) Person psicopata	0	0					
15) Oligofrenia	1	1					
16) Ainda n/ diagnost.	0	0					
<i>Visitas médicas:</i>							
Pelo Diretor clínico		265					
Pelo vice-diretor clínico		15					
Por outros médicos		2					
<i>Telefonemas:</i>							
(interurbanos):							
Emitidos		114					
Recebidos		121					
<i>Correspondências:</i>							
Emitidas		1.900					
Recebidas		1.400					
<i>Sessões:</i>							
De Diretoria		10					
<i>Assembléias Gerais:</i>							
Ordinárias		1					
<i>Estrordinárias</i>							
<i>Tratamento Psicoterápico</i>							
Sessões com preleções Evangélicas, doutrina-rias e FLUIDOTERÁPICAS						156	
Sessões TEÓRICAS e FLUÍDOTERÁPICAS no Centro Esp. «Perdão, Amor e Caridade»						52	
Sessões mediúnicas - ESCOLAS PARA MÉDIUNS, realizadas no Centro citado com a presença de enfermos em condições de assistilas						52	
<i>Total das Sessões</i>						260	
<i>Classificação Psiquiátrica e Neurológica</i>							
A classificação psiquiátrica e neurológica, infelizmente não retratam a realidade das causas das enfermidades ou perturbações mentais ou nervosas e das que levaram o enfermo ao vício de qualquer natureza, isso numa porcentagem elevada de casos. E' inegável o progresso da medicina no tratamento e conhecimento das enfermidades mentais e nervosas, porém, sem o estudo da Ciência Espírita, jamais a medicina atingirá o fim almejado.							
Os casos de POSSESSÃO e OBSESSÃO ESPIRITUAL tratados no Hospital, estão classificados nos n.os III-IV-VII-VIII-XIII e outros.							
<i>Tratamento:</i>							
Injeções aplicadas						3.129	
Medicamentos em vidros						1.198	
Aplicações hidroterápicas						796	



Massagens manuais	94	Verminoses	6	Crianças	27
Curativos	882	Outras doenças tropicais	3	Brasileiros	107
Cirurgia	2	Molestias do aparelho respiratorio	10	Extrangeiros	7
Pequena cirurgia	14	Idem do circulatorio	12	<b>Cesar Bianchi</b>	
Malarioterapia	2	Idem das vias urinarias	2	Provedor	
Convulsoterapia pelo cardiasol	61	Idem dentaria e esto- matológica	10	—o—	
Exames de sangue Wassermann	11	Idem oftalmológicas	2	NOTA: Em reunião de	
Exames de escarro	3	Oto-rino-laringológicas	3	Diretoria para PRESTA-	
Exames de urina	118	Dermatológica e sifili- gráfica	5	ÇÕES DE CONTAS, rea-	
Vacinas preventivas	117	Psiquiátrica e neuriátrica	16	lisada em 9 de Janeiro pro-	
<i>Ambulatório:</i>		Genicológica	8	ximo passado, foi constado	
Serviços prestados ao público:		Obstétrica	7	de aia um voto de louvor	
Pessoas atendidas	134	Cirurgia geral	7	pelo bélo trabalho prestado	
Número de consultas	127	Pediátrica	1	pelo irmão ONOFRE JOSÉ	
Número de curativos	106	Clínica geral	41	BATISTA, Procurador Ge-	
Pequenas intervenções cirurgicas	7	<i>segundo os caraterís- ticos individuais:</i>		ral e Fundador da Institui-	
Injeções aplicadas	540	Sexo masculino	64	ção, no angario de donati-	
Exames de laboratório	17	Sexo feminino	70	vos durante 1943.	
<i>segundo as clínicas:</i>		Adultos	107	OBSERVAÇÃO: Atual-	
Paludismo	1			mente o Hospital está com	

## Demonstração da Receita e Despesa do Exercício de 1943

RECEITA		DESPESA	
Pensionistas	52.204,70	Despesas Gerais	15.439,40
1/2 pensionistas	9.915,70	Porcentagens	13.919,80
Donativos	33.225,80	Alimentação	40.513,10
<i>Mensalidades:</i>		Seg. Acid. Trabalho	400,00
Local	1.742,00	Juros e Descontos	1.983,30
Capivarí	358,40	Construção do Prédio	601,40
Rafard	603,00	Impostos	410,00
Sapucaí	424,00	Rouparias	3.146,40
Rendas diversas	1.525,00	Pessoal	9.670,40
Jóias	3.250,00	Assistência Médica	2.400,00
<i>Venda de Remédios:</i>		Lucros e Perdas	4.350,00
Saldo representando os lucros líquidos sobre as vendas à pensionistas	1.361,60	I. A. P. C.	1.126,80
<i>Subvenções:</i>		<i>Internados Indigentes:</i>	
Municipal	600,00	Importância desta conta c/ referência à medica- ção com indigentes	2.180,00
Federal	3.000,00		
	3.600,00		
<b>SOMA Cr. \$ 108.210,20</b>		<b>SOMA Cr. \$ 96.140,60</b>	

**César Bianchi**  
Provedor

**Sebastião Aristêo Ferreira**  
Tesoureiro















# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Director.* José da Costa Filho

*Redator:* Watson Campêlo

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

-- BRASIL	-- Ano	— Assinatura simples	Cr.\$20,00
-- BRASIL	-- Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	-- Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	-- Ano	— Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro





